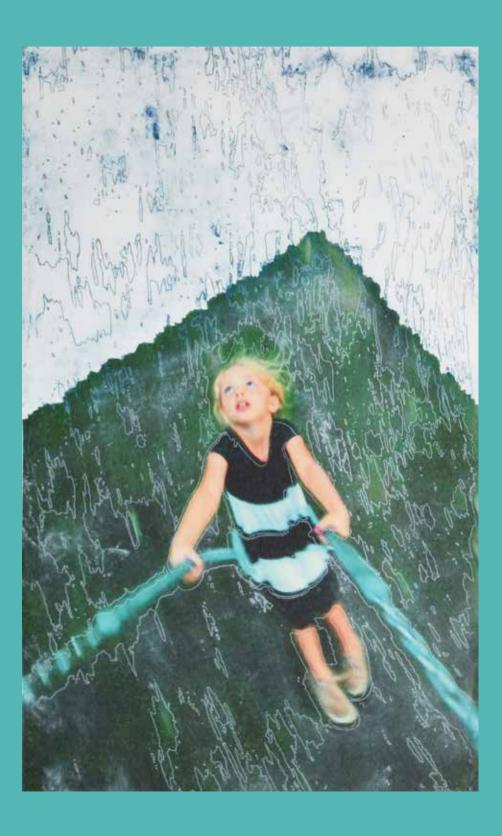




EDIÇÃO № 32 ANO 4 SETEMBRO/2022



**2** revista **Pixé** revista **Pixé** 



### **EDITORIAL**



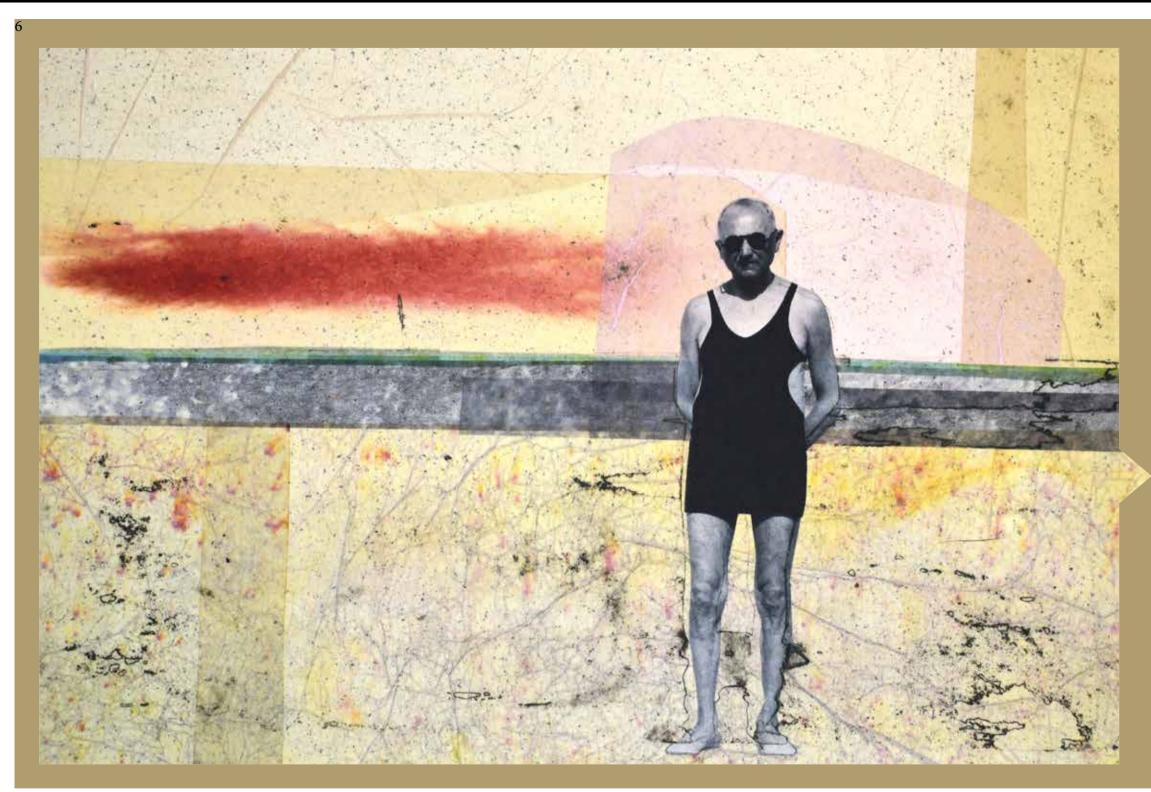
u a literatura é muito frágil ou se trata de uma fixação coletiva arranjar razões que a justifiquem. Os ataques dos quais foi vítima não foram tão persuasivos ao ponto de ameaçá-la verdadeiramente, mesmo que brandissem de Platão e seus fiéis mosqueteiros. Aliás, tudo indica que a autoafirmação é tanto maior quanto mais contundente for a crítica. Já se atacou tudo: gênero e estilo, tema e estética. Fôssemos colecionar, haveria volumes encadernados de obituários para a lírica e para o romance. O fato é que a literatura persiste, com esse jeito de vítima, mas se rindo por dentro dos seus muitos assassinos de araque. Ainda não houve tiro, bomba ou facada que a vitimasse.

A única ameaça à literatura são os próprios escritores. De repente, podem não querer produzi-la. Ponto final, acabou-se o que era doce. Ou ainda, podem querer transformá-la. Ainda assim, será literatura, a despeito de todo arrivismo contra um determinado gênero, estilo ou autor. Sérgio Buarque de Holanda publicou uma espécie de denúncia contra o yankeesmo, por exemplo. Para ele, o hábito de objetivar a narrativa, flertando com a técnica do jornalismo reportagem era um atentado ao beletrismo nacional. O tempo passou e o salvacionismo buarqueano não fez a menor diferença: há quem escreva assim ou assado e, nem por isso, seja melhor ou pior.

Noves fora, o engessamento da literatura é uma tentativa de sufocamento, até mesmo da parte de quem insiste em salvá-la do pântano imaginário. Sejamos objetivos. Há algum tipo de crise? Tudo indica que o problema não será a resposta, mas a pergunta em si mesma. Por que diabos precisamos identificar uma crise? Onde nasce a demanda pela contínua ruptura? A quem interessa o conceito da decadência? Por que recusar tão veementemente conceitos como sequência, circularidade, tradição? A despeito das hipóteses de natureza psicológica que certamente enriqueceriam o debate, em geral a crise só interessa ao contemporâneo. Cuida-se do olhar o passado com lentes extremas — ou nostalgia ou repulsa. Não é bem disso que se trata este editorial.

Voltemos à vaca fria. O único risco à literatura é imposto pela tentativa de "desliteraturização" do texto, uma espécie toda especial que assiste aos desnaturados. Impõe-se, imediatamente, o problema insolúvel — Quem julgará o que é ou não literatura? Quais serão os critérios? Num campo movediço como é a arte, até a antiarte assume o mesmo estatuto. Entretanto, há uma nuance diferente nessa discussão. O enfrentamento por oposição acaba por reforçar a parte atacada principalmente por fazê-la uma referência. A antiarte é uma forma de arte. A antiliteratura é uma forma especular de literatura. Uma suposta ameaça (se é que há realmente uma ameaça) não se constitui a partir da crítica estilística que acaba caducando a todo momento.

Ao contrário do que afirmou Hollanda, não se deve temer o ingresso de outros estilos na literatura. Se há algum tipo de receio, devemos concentrá-lo numa questão bem mais pragmática. Escritor, vigiai seu próprio espaço! Temos em editais, prêmios e programas públicos e privados de fomento o sequestro do campo literário que, ao longo de dois séculos, escritores instituíram certo glamour e assumiu, com ou sem méritos, foro de imunidade artística. Incluindo aí o underground composto pela fauna de porão que se acha o suprassumo cult da intelectualidade. O espaço reservado à literatura e seus bichos estranhos está sendo furtado. Não se resume na velha questão do que seria literalidade, mas de dinheiro, cacau, l'argent, money. Abrir espaço para uma invasiva carona na literatura em políticas públicas é, não só parasitismo, como engodo. Política do livro não é política de literatura. Estamos em alerta...



### SUMÁRIO

- 2 Editorial
- **6** Olga Maria Castrillon-Mendes
- 8 Aclyse Mattos
- 10 André Siqueira
- 12 Angel Cabeza
- 14 Bernadete Crecêncio Laurindo
- **16** Bia Scaff
- **18** Caio Augusto Leite
- **20** Edson Flávio Santos
- **22** Eduardo Mahon
- **24** Everton Barbosa
- 26 Fabio Júnio Vieira da Silva
- 28 Fabio Pessanha
- **30** Gabriel de Mattos
- **34** Giana Benatto Ferreira
- **36** Giseli Gomes Dalla-Nora Edson Gomes Evangelista Dalla-Nora
- **38** Henrique de Medeiros
- **42** Iacyr Anderson Freitas
- **44** Ireneu Bruno Jaeger
- 48 Jay Handy
- **52** Lorenzo Falcão
- **54** Luciano Lanzillotti
- **56** Mar Becker
- **58** Nirlei Maria de Oliveira
- **60** Odair de Morais
- **62** Pablo Rezende
- **64** Paulo Wagner de Oliveira
- **66** Raquel Naveira
- **68** Rubenio Marcelo
- **70** Rui Tinoco
- **72** Zé Mariano
- **76** Renato Medeiros
- **78** Maristela Carneiro
- 82 Anna Maria Ribeiro Costa

### **EXPEDIENTE**

Direção Geral e Edição: Eduardo Mahon Artista Visual Convidado: Jay Handy

Colaboradores desta edição: Olga Maria Castrillon-Mendes, Aclyse Mattos, André Siqueira, Angel Cabeza, Bernadete Crecêncio Laurindo, Bia Scaff, Caio Augusto Leite, Edson Flávio Santos, Eduardo Mahon, Everton Barbosa, Fabio Júnio Vieira da Silva, Fabio Pessanha, Gabriel de Mattos,

Giana Benatto Ferreir, Giseli Gomes Dalla-Nor, Edson Gomes Evangelista Dalla-Nora, Henrique de Medeiros, Iacyr Anderson Freitas, Ireneu Bruno Jaeger, Jay Handy, Lorenzo Falcão, Luciano Lanzillotti, Mar Becker, Nirlei Maria de Oliveira, Odair de Morais, Pablo Rezende, Paulo Wagner de Oliveira, Raquel Naveira, Rubenio Marcelo, Rui Tinoco, Zé Mariano, Renato Medeiros, Maristela Carneiro, Anna Maria Ribeiro Costa.

Projeto Gráfico/Diagramação: Roseli Mendes Carnaíba

### **NUM PESCAR DE OLHOS**





### **Olga Maria Castrillon-Mendes**

É pesquisadora da literatura brasileira. Autora de Taunay viajante: construção imagética de Mato Grosso (Cuiabá: EdUFMT, Cáceres: EdUNEMAT, 2013); Discurso de constituição da fronteira de Mato Grosso, 2017; Matogrossismo: questionamentos em percursos identitários (Carlini & Caniato, 2020) e Letras cacerenses (Cuiabá: Carlini & Caniato, 2021, em coautoria).

# A ARTE, A QUE SERÁ QUE SE DESTINA?

originalidade é um aspecto positivo do poder de criação, aquele que admite situações não previstas ou nos faz ser artistas da própria vida. O valor do individual, autêntico e original surge no Romantismo como critério básico e atitude tangível da inspiração. E foi durante as querelas do movimento do XIX, que surgiu a ideia da necessidade de se desvencilhar do passado e buscar autenticidade, o que deve ter contribuído para o aparecimento do gênio. Com isso, o artista — e não só a sua produção — ganha importância. O suporte seria, não a cópia de modelos, mas a capacidade criadora e inovadora. Não é sem motivo que os modernistas retomaram as noções românticas pelo fato de serem fenômenos oriundos das rupturas na arte. A representação do "real", bem como a noção de mimese, se transforma até alcançar as contemporâneas imposições do mercado de arte, que está a exigir constantes novidades, pois é preciso aquecer a circulação e manter o público. Nesse sentido, a noção de originalidade parece estar muito próxima de ser um ideal romântico e um mito consagrador, tanto da obra quanto do artista.

Se a obra de arte se submete a determinadas condições, seria então, apenas uma mercadoria? Ou, ao contrário, e aí comungamos com Pierre Bourdieu (1996), se a análise do gosto, que gera os cânones, toma por princípio o objeto, e não o consumo, o que importa é a própria obra de arte e, sobretudo, o campo de produção de bens culturais de onde ela emerge. Daí o encantamento (ou não) do espectador diante de uma escolha do objeto artístico, como acontece com o resultado que brota da genialidade do artista para "falar" de dentro de uma dada moldura, do ângulo escolhido para perturbar, obrigando-nos a um lugar central na "narrativa" de sentidos múltiplos. Penso que é de onde se contempla o papel revolucionário da arte e, na perspectiva do nosso interesse, da literatura.

Como objeto de análise, a arte seria um laboratório de experimentações, um reservatório de elementos do qual o artista se serve para refletir sobre a sociedade e os comportamentos humanos. Autor e obra são intrínsecos à formação do processo pelo qual o universo de produção torna-se relativamente autônomo diante das injunções da economia e da política. No laboratório do campo do poder cria-se a "ilusão da realidade" que brota das relações sociais impostas.

Ao superar a alternativa do engajamento e da cultura pura do XIX, os artistas criaram um campo intelectual relativamente autônomo — o mundo da cultura, quase que totalmente desvinculado das determinações externas, atingindo as grandezas do objeto artístico, sem reducionismos e até desvinculadas da crítica, normalmente considerada arrogante. Onde fica o olhar do grande público perante uma obra contemporânea? Muitas vezes contestam sua originalidade e autenticidade, tanto por estranhamentos como pela forma de apreensão subjetiva do "real".

Como já tive oportunidade de refletir nesta coluna, a velha problemática do "realismo", do "referente" do discurso artístico está ressignificada no contemporâneo pela necessidade de evidenciar o que se esconde sob as interações mais imediatas e perceptíveis do cotidiano. É um rompimento parcial da dependência estrutural em relação ao campo de poder, na visão de Bourdieu, ou um elo que permite identificar, com argúcia e propriedade, a existência de um autêntico "patrimônio interior", o estabelecimento de uma fórmula através da qual o externo se interioriza, como visto por Antônio Cândido. Nessa pretensa lógica da "distinção" se enredam os amantes da arte, nomeadamente os que costumam costurar pensamentos destinados a serem interpretados.

### **REFERÊNCIAS**

BOURDIEU, P. As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

CÂNDIDO, A. Literatura e sociedade. 13 ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2014.



### **Aclyse Mattos**

É escritor, poeta e professor da Faculdade de Comunicação e Artes da UFMT. Livros publicados: *Motosblim: a incrível enfermaria de bicicletas* (infantil – 2019) *O sexofonista* (contos - 2018), *Sabiapoca – Canção do Exílio sem Sair de Casa* (infantil – 2018), *Festa* (poesia – 2012), *Quem muito olha a lua fica louco* (poesia – 2000).

REVISTA **Pixé** 

### **MUSA RECEPTIVA**

### 1 - Invocanção

Cante Alberto de Oliveira Um vaso grego ou chinês, Conte Dan Brown um vaso Um útero, um cântaro talvez

O vaso que canto é Musa É o escudo de Perseu Que refletindo a Medusa Em estátua a converteu

Nem no Parnaso ou em Roma Há vaso melhor que se toma Das vinhas da ira soturna: Seja este vaso uma urna!

Em que se bebem os votos Em que se banhem as Musas E todos, fiéis devotos, Separem ideias confusas.

### 2 Antifona

Antes eu botava Feito cartinha de Amor Dobradinha numa folha Meu votinho de papel

Chegava junto de ti Minha Musa Receptiva E botava com carinho Como se passa um anel

Caía no fundo d'alma Da minha Musa noturna E meus votos lá ficavam No leito da bela urna Depois silente eu ouvia Tudo o que você dizia (Muitas vezes derramada A voz dessa Musa amada)

Da sua boca saía Sandices, crendices, loas Até trovinhas bem boas Que em meus ouvidos ressoas.

### 3 Propiciação

Hoje não é mais assim: De uma couraça te vestes Plástica, elétrica, metal, Eletrônica, digital

Não boto mais o meu voto Apenas um leve carinho Faço com meus dedinhos E logo soa um sinal

Não falo mais por palavras. Só por números me entendes. Só pensas em fazer contas Nem sei o que tu pretendes...

Não me anules, minha Musa, Me resuma num total Não me apagues nem dilua Nem dê trela pro jornal

Bem no fim um painel Mostra um monte de algarismos Onde está meu bilhetinho? Já não curtes Romantismos?

Tudo isso, minha Musa, Se não der alguma pane Hackear ou der Circuito: Pão e Circo, Circo e Panen 10 REVISTA **Pixé** 

# **OS SINGÔNIOS**

Passo pela esquina, pelos números das residências caladas, bordas de mundos estranhos para mim.

Muitos pelo celular, trabalho, almoço preparado normal.

Na minha camiseta cor rosa um inseto pousou diminuto: talvez final esboço de vida parideira, cornucópia tóxica, visão adamantina vulgar.

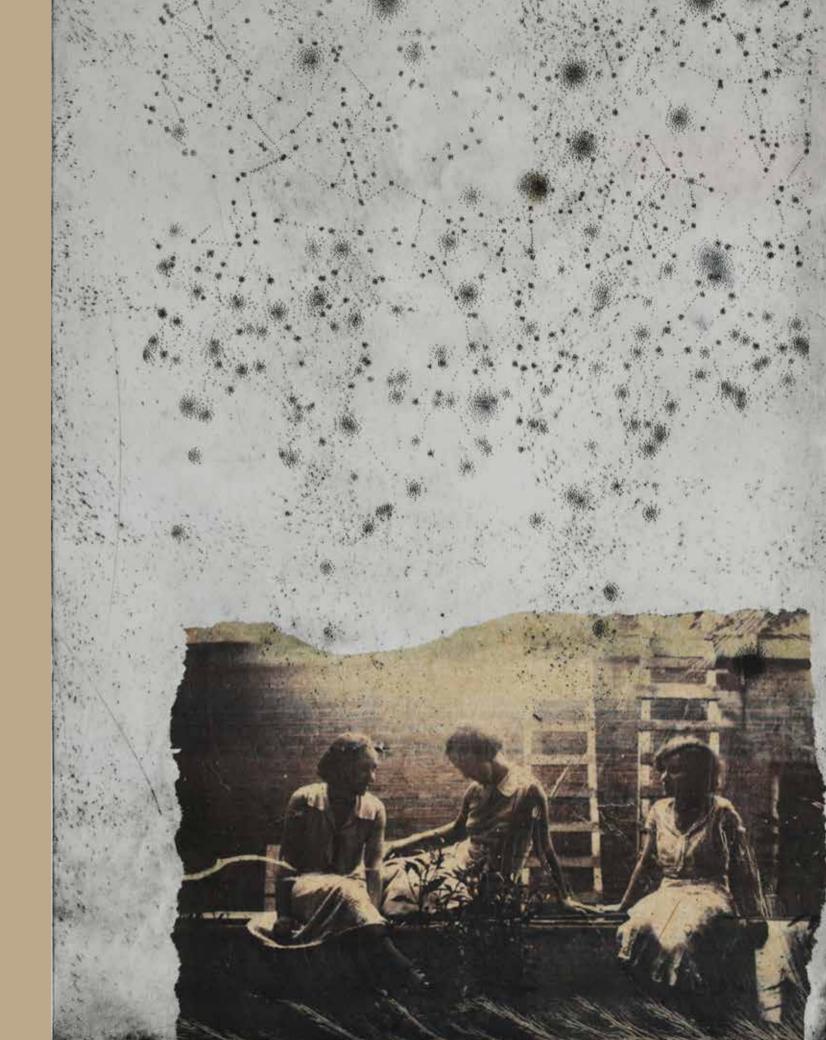
E estronda a fumaça do desfeito agarrado na força que faço hoje assustado dando pisadas no planeta, pés que deixam teimas do meu desejo: só tentativas de apalpar o espanto derramado do veneno das tetas dos dias.

Mas a vida não é dominada nem encontrada como os singônios. É flecha procurando o sentido.



### André Siqueira

É poeta residente em Jacareí, interior de São Paulo. Colaborou nas revistas Acrobata, Subversa, Mallarmargens, Ruído Manifesto, Gueto, Aboio, entre outras. Publicou de forma independente dois livretos, e em 2020 seu primeiro livro de poesia. As Manhãs Fechadas (editora Gataria) foi lançado. Cursou a faculdade de Letras, sem concluir, e participa de eventos, oficinas entre outras loucuras literárias.









### **ENGANO**

Por cima da mesa minha avó regava com seus olhos as flores de plástico.
Fizesse sol ou chuva adormeciam intactas na mesma posição.
Embora soubesse que as flores assim como as fotografias permaneciam novas hipoteticamente desejava também um coração de plástico. Às visitas entre o belo espanto pelas tristes flores e uma xícara de chá despertava na voz a certidão:

- estão aí para enganar a morte.

REVISTA **PIXÉ** 

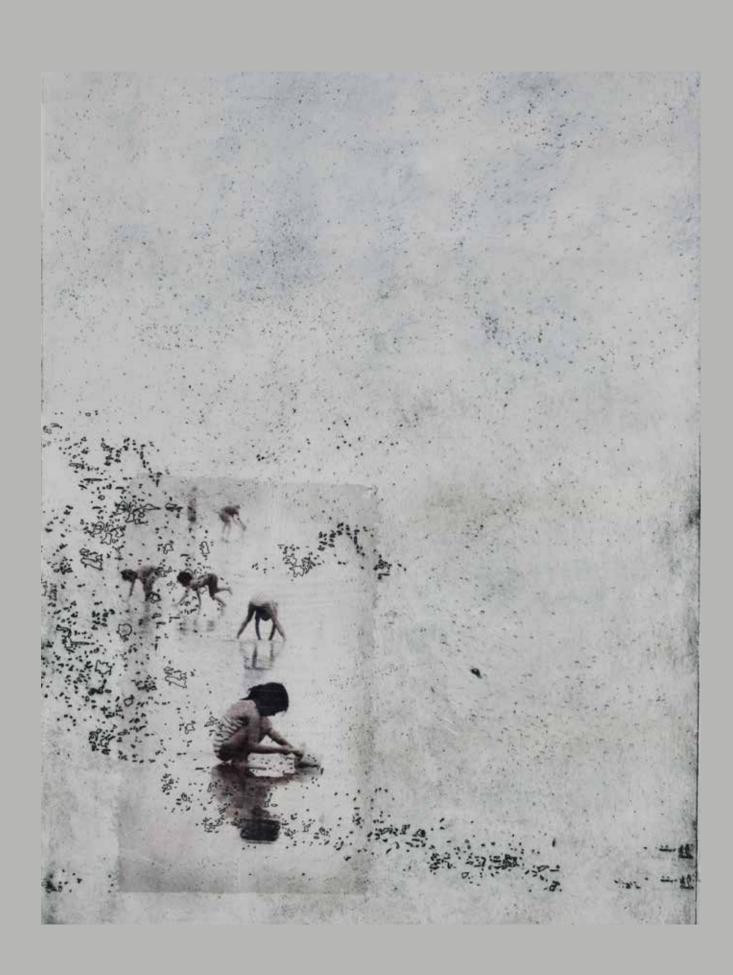
### PRIMEIRA VEZ

A primeira vez que descobri o amor foi num programa sobre vida selvagem. Dois insetos dançavam no alto de pequenos ramos e dependiam do ato para prolongar a espécie. Um amor desesperado milagroso noturno. A fêmea então devorava o macho como quem traga magro cigarro. Passei a acreditar que não somos diferentes. Erquemos a luxúria o desespero a cequeira. Optamos pelo canibalismo esse vício em existir. Só os duros e graves se sustentam. Ainda assim, há beleza no selvagem. Apesar de tudo, ainda é amor. Necessitamos desse risco a rebentar a rotina. Equilibramo-nos nessa teia de despedidas como a aranha que despreza o seu destino ou o pequeno ramo verde que insiste nascer na cidade escura e quebra a violenta e dura paisagem.



### **Angel Cabeza**

É carioca, poeta, cronista, gráfico, produtor e projetista de livros. Cursou Letras, Jornalismo e publicou em diversas revistas e jornais literários, dentro e fora do Brasil. É autor de "Canção para os seus olhos e outros castanhos" (Urutau, SP).



# **A HISTÓRIA**

Era uma vez uma história

Uma história que chegou tarde...

A história quis entrar na História Mas quando chegou, era tarde A luz já se apagara, As portas já se fechavam O dia já fora dormir...

Era uma vez uma história Que não chegou a ser História... Ficou sendo, então, a história De uma história que chegou tarde

Era uma vez uma história Que não virou História

### **MEIO-DIA**

Sol a pino.

É meio-dia, O sino anuncia.

Panela no fogo, Vida vazia



### **Bernadete Crecêncio Laurindo**

É advogada e escritora, Membro da Academia Sinopense de Ciências e Letras da qual é fundadora e ocupa a Cadeira n. 4. Publicou vários livros, entre os quais Sóis e Decifrate e, ainda, textos infantis como Luzinha chega ao Planeta Terra e Boca da Noite.

## **QUANDO A VIA: VIDA**

Cadê minha pedra?
Será que retiraram do meio do caminho?
Será que virou pó?
Será que aprendi a subir nela?
Ou será que me tornei ela?

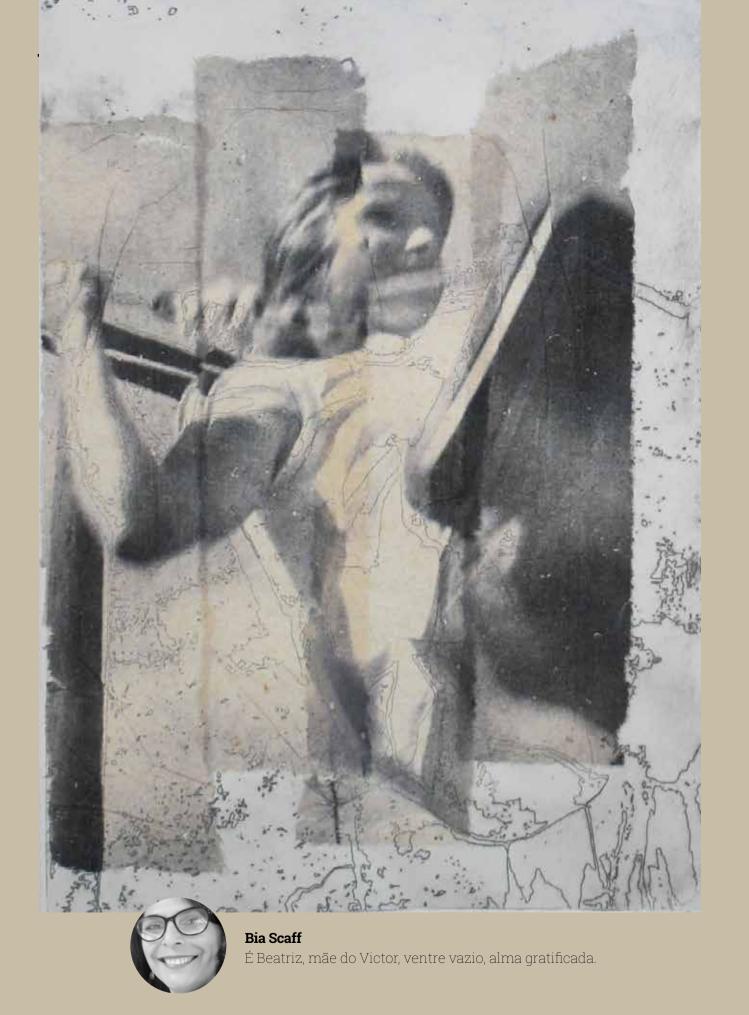
Cadê minha pedra?
Não a encontro
Tenho saudades dela
Estava sempre no meio do caminho
Ou melhor, ela era o meu caminho

Cadê minha pedra?
Bruta, pesada, rústica e valiosa
De um lado claro e do outro azul
Às vezes afinava outras agigantava
Mas eu sempre a abraçava

Cadê minha pedra?
Ela um dia me abraçou
Uma pedra no caminho
Caminho feita de pedra
E a única pedra que eu amava
Virou estrada?

Cadê minha pedra?
Quando a via vindo pela direita
Tinha formato de cérebro
Quando a via pela esquerda
Tinha formato de coração
Quando sob ela, apenas fumaça
Mas era a minha pedra
Diariamente a carregava
Pesada e leve

Cadê minha pedra?
Caminho sobre ela
Solidão e saudades
São minha companheiras
Cadê minha pedra...

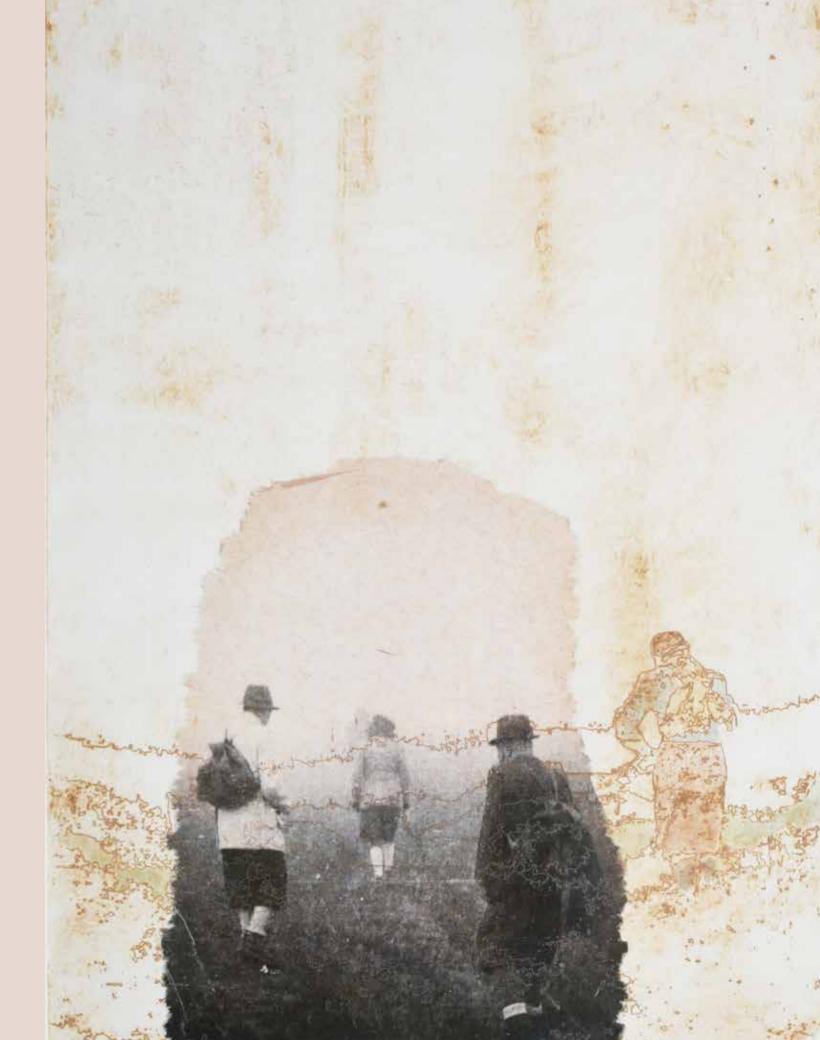


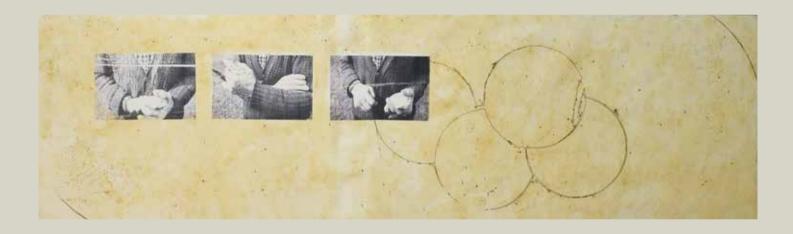
nas memórias os meninos brutos são mais brutos pois maturados por anos de neuroses e seus punhos mais pesados e suas vozes mais geladas no silêncio das lembranças regressam de um exílio antigo e tornam oco novamente o meu ser acostumado ao choro cheio de estofo fofo de falsa força o rosto agora intacto enquanto cacos ainda chacoalham quando me deito e me reviro em pesadelos e cortam as veias por baixo piores agora do que antes no momento em que não entendia direito o que diziam mais mortais agora por ter sabido por ter escapado de alguma forma alguma morte sempre fica mesmo se sobrevivemos



### **Caio Augusto Leite**

Nasceu em São Paulo em 1993. Mestre em Literatura Brasileira pela Universidade de São Paulo (USP) com dissertação sobre *A Paixão segundo G.H.*, de Clarice Lispector. Integrou o Printemps Littéraire Brésilien 2018, na França e na Bélgica, a convite da Universidade Sorbonne. Teve textos publicados nas revistas digitais escamandro, *A Bacana, mallarmargens, Vício velho, Lavoura, Subversa, Literatura & Fechadura e Alagunas* É autor dos livros *Samba no escuro* (Scortecci, 2013), *A repetição dos pães* (7Letras, 2017) e *Terra trêmula* (Caiaponte, 2020), além de colunista da revista digital *Ruído Manifesto*.







### **Edson Flávio Santos**

É cacerense, doutor em Estudos Literários, pesquisador e docente do Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários PPGEL/UNEMAT. É autor de *Aldrava* (2020) e *Utopias e resistências na obra de Pedro Casaldáliga*: escritos escolhidos (2021). Escreve desde quando descobriu seu amor pela poesia.

Hoje ele veio me visitar

Não veio de longe e por isso chegou rápido

Trouxe o sorriso desconcertante

O olhar afoito

As mãos não se debatiam

Eu sabia de sua traição

Da noite passada

Eu sabia da mala pronta

Hoje ele veio me visitar

Rápido

Ovos com bacon na cafeteria

e um suco de laranja

Foi o tempo da conversa.

A mesma história de sempre

As mesmas desculpas

Eu sabia da mala desfeita

Tinha fome, mas não sabia o que comer

Uma soda italiana, sem gelo, por favor.

Olhando-o eu salivava por dentro

Queria metade do bacon que pousava

sobre os ovos mexidos

Suculentos, brilhantes.

Ele falava, não parava.

Hoje ele veio me visitar

Não trouxe nada de novo

Nem um acréscimo.

Nada.

As mesmas frases feitas

Nem um choro

Nada.

Só justificativas carimbadas.

Uma quiche Lorraine.

O garçom de máscara assente

Todas as vezes que ficávamos a

sós eu puxava o assunto.

Eu não queria mais.

Cansei.

Enquanto ele segura o copo de suco de

laranja olha para o lustre e reclama que algumas lâmpadas não se acendem mais

Seria melhor se eles trocassem, não acha?

Certamente, disse engolindo a

soda e o pedaço de quiche. Hoje ele veio me visitar

Sem poemas

Depois de tantos anos, ele veio

Sabendo o caminho

Estacionou o carro e entrou.

Antes de abraçar, sorriu.

Um abraço frouxo

Não consegui segurar

Tudo escapou.

Só eu fiquei.

## **CUPIM**

eu, madeiro durmo ao lado de cupins

fui duro fui forte fiz o que pude

? do que me serviu

estou roído por dentro : já basta vou desabar



### **Eduardo Mahon**

44, é carioca da gema, advogado e escritor. Mora em Cuiabá com a esposa Clarisse Mahon, onde passa sufoco com seus trigêmeos: José Geraldo, João Gabriel e Eduardo Jorge. Autor de livros de poemas, contos e romances, publica pela Editora Carlini e Caniato.





### **PAPEL**

Seiva ressecada folha branca a comportar toda voz ausente

# INFÂNCIA

No olhar do menino todo chão, em sendo azul, é mar infinito

### **ORIGAMI**

Tempo absoluto Grande papel colorido de dobrar a vida



### **Everton Almeida Barbosa**

É filho de nordestinos vindos da região rural da cidade de Pombal, no sertão da Paraíba, para Cuiabá na década de 70. Vive em Tangará da Serra/MT. Nasceu em Cuiabá e se especializou em Literatura, desde a graduação e mestrado na Universidade Federal de Mato Grosso, até o doutorado na Universidade Federal de Minas Gerais, sendo professor de Literatura na Universidade do Estado de Mato Grosso desde 2006. É também músico. Foi instrumentista e diretor musical da Cia. de Teatro Mosaico (Cuiabá) e membro do grupo vocal Candimba (Cuiabá). Hoje coordena o projeto Corpo & Cordas, de música, poesia e contação de histórias, na UNEMAT em Tangará da Serra.



#### Fábio Júnio Vieira da Silva

É alagoano, radicado em Nova Olímpia Mato Grosso há 33 anos. Doutorando e Mestre em Estudos Literário pelo PPGEL/UNEMAT, Graduado em Letras/Espanhol pela Universidade do Estado de Mato Grosso- UNEMAT e em Pedagogia pela Universidade de Cuiabá-UNIC.

### **UMA BRUJA EN MI CAMA**

não quero santa em meus braços quero leito maculado

lençol tingido de sangue

quero sacrifício

cheiro de ervas com incensos

alecrim, cânfora, cravo, arruda, cravo, mirra e citronela

não quero santa em meus braços

quero a pervertida

a malvada vilã das histórias de princesas

quero mulher em chamas brasas acesas

que mire meus dedos gordos e me devore em pedaços

que lance sobre o resto suas poções

que grite de amor e pronuncie frases de encantamento

de que me serve uma santa?

não quero rezar em noites quentes ou frias

quero gemer, quero sentir, quero gozar!

não quero uma santa em meus largos braços

santa é gesso, cimento, madeira morta

tudo frio

REVISTA **Pixé** 27

quero bruxa endiabrada

banhada no magma da perversão

mergulhada nas profundezas ardentes dos desejos carnais

que me amarre
me vende os olhos
que me dispa sem pudor
e me deguste sem rancor
quero uma bruxa em minha cama

que me jogue em seu caldeirão que me misture em seu interior que se alimente do meu tesão

quiero una bruja en mí cama que me tire o sono o sossego

que aumente em mim o desejo e me ofereça suas entranhas

que me morda com seus beijos

me arranhe de desejo

e deixe em mim hematomas

eu é que não quero santa em minha cama

quero deusas nuas das religiões antigas

quero um ritual de amor sanguinolento

sangue a ferver na veia

mãos a percorrer os corpos

quero puxões de cabelos, beijos nas línguas sem medo

de se entregar à arte infernal de amar.

quero sexo apimentado

com cheiro de natureza

ervas e chás sob a mesa

e a lua a nos banhar

quero uma bruxa em minha cama

é a única coisa que peço

sou seu Merlin minha Morgana!

sou Joãozinho aguardando ansioso ser devorado

quero você minha bruxa

minha deusa da luxúria

vem meu corpo devorar!

não quero santa em minha cama

não quero leito imaculado

quero mulher de verdade

desejo, pegada e tesão

chupada no pescoço e arranhão

santa não pode dar

bruxas pode fazer.

quero mesmo é bruxa

com elas morrer é sinônimo de viver.



#### Fábio Pessanha

É poeta, doutor em Teoria Literária e mestre em Poética, ambos pela UFRJ. Publicou ensaios em livros e periódicos sobre sua pesquisa a respeito do sentido poético das palavras, partindo principalmente das obras de Manoel de Barros, Paulo Leminski e Virgílio de Lemos. Ministrou presencialmente cursos, rodas de leituras poéticas e oficinas de poesia em diversos lugares, tais como: Faculdade de Letras da UFRJ, Biblioteca Parque de Niterói, COART / UERJ, Atelier Casa 4 de Arte e Filosofia. Durante a pandemia tem ministrado oficinas online de poesia. É autor de A forma fugaz das mãos (Patuá, 2021), A hermenêutica do mar – Um estudo sobre a poética de Virgílio de Lemos (Tempo Brasileiro, 2013) e coorganizador do livro Poética e Diálogo: Caminhos de Pensamento (Tempo Brasileiro, 2011).



## **ALMODÓVAR**

um filme do almodóvar pra te dizer tá tudo bem, mas é mentira

REVISTA **PIXÉ** 

### **CONFRONTO**

o confronto com uma voz comovida às quatro da manhã se estica durante

o dia tal como o afago pelo qual a gente espera desde o cinza, preto e branco

# **SENSÍVEL**

primeiro eu tive que pegá-lo com as mãos. agarrar com força até que parasse de rodopiar entre os elos do seu próprio equilíbrio. caí de joelhos, na esperança de que ninguém ouvisse, para lhe dizer as coisas mais invisíveis de quando tudo estivesse palpável



### **Gabriel de Mattos**

É arquiteto, professor universitário, autor de O Primeiro Filho e outras Narrativas, além de Volcanya Blues (com Ricardo Leite, o Ric Milk) entre outros, vem contando aqui na Pixé as lendas da imaginária Novo Paraíso do Norte.

# O PRISIONEIRO DO CALENDÁRIO

(memórias do hotel perto da rodoviária)

Teja o Verillo, nosso gerente aqui do hotel, por exemplo: é um prisioneiro do calendário. Isso mesmo, Prisioneiro do Calendário.

Já que estamos conversando de crendices e lendas e idéias fixas, é apenas um exemplo, mas dos bons. Muito dos bons.



Ele até me explicou, ou melhor, tentou explicar, que essas coisas só mesmo quem vivencia é que vai entender. Aquela lenga-lenga de experiencia não transmissível. Pois ele me falou que começou faz tempo, e é definida pelo algarismo que fecha o ano corrente.

Começou com uma tragédia lá no Sul, bem antes dele se envolver com os primos distantes, como ele diz, aqui da Colonizadora. Pois não é que ele estava bem lépido e fagueiro lá na terra dele, com dois empregos e noiva herdeira (de outro clã, destacava ele) quando, sem mais aquela: perdeu tudo, de uma penada. O chefe do emprego público mudou de partido político: cargo de confiança dança. A empresa que o tinha como contato social-comercial abriu falência fraudulenta: melhor mesmo se distanciar. E a noiva herdeira achou dote maior, e melhor dotado (aí já foram as más línguas, Verillo nega).

E foi num ano final 9. Precisou de mais uma década, e a reconstrução a duras penas escangalhar de novo, para ele começar a se tocar.

Nesses dez anos Verillo se reestruturou. Preferiu achar que era meio moleque mesmo naquele tempo, e era melhor se virar sozinho. Foi para São Paulo trabalhar com alguma coisa de cidade, deixar a vida de interior. A decepção com a noiva aproveitadora (palavras dele, Verillo) fizera com que vivesse mais próximo às (de novo: palavras dele) Mariposas da Noite, ali na Boca do Luxo. Foi a época da pequena, mas não tanto, herança do pai alto funcionário público. Ele entrou em negócios com mulheres rápidas e retorno lento: Atravessou a Avenida São João e foi para a Boca do Lixo. Mexeu (melhor: gastou dinheiro) com cinema, e foi envolvido por diretores e produtores rápidos demais, que já engatavam um filme no outro, e outras atrizes, e outras histórias, e mais dinheiro...

Até acabar quase tudo: cinema, diretores, Boca do Lixo e do Luxo, mulheres e dinheiro.

Em um ano com algarismo final 9.

Regra dos nove. Noves fora. De volta ao zero.

Mas o fim é o começo, como diz quem encontra um caminho nos frangalhos dos sonhos (isso meu, deste seu criado, Yarandu, chefe de segurança do Hotel Esplanada Tropical).

E justamente foi um maluco da Boca do Lixo que queria fazer um filme no meio do mato; ele e um bando de mulherada. Um filme de ação, com tiroteio; e ele salvando a mulherada de um ataque de mal-encarados. As mulheres ele levava, os mal-encarados deveriam ser baratos e ele contrataria lá mesmo, no mato. Mato Grosso. Onde os parentes diziam que estavam criando um Eldorado mais que dourado, lembrou-se o pré-falimentar Verillo.

E foi assim que um desesperado-dissimulado primo distante se apresentou na sede paulista da Colonizadora, travestido de empresário cultural-cinematográfico (tudo bem: chega de hífen, Yarandu!). REVISTA **Pixé** 

Para sua surpresa os parentes não só toparam como providenciaram transporte aéreo para o diretor-ator e a mulherada. Lá para onde se esboçava nossa futura Novo Paraiso do Norte.

Novo período de fartura, Verillo reincorporado no ramo empreendedor da família: assistente de produção, intermediário entre o escritório local e os laboratórios de São Paulo, onde foi montado o filme. Que inclusive inaugurou o Cine Pioneiro, vanguarda no Nortão. Letras garrafais para apresentar Bravura Inóspita, primeiro de uma série prometida como novo filão do cinema nacional. A segunda parte começou a ser produzida, agora com participação de grande Verillo nos investimentos (na verdade laranja da grana da Colonizadora).

Só quando viu a mesma película no paulistano Cine Marabá, com o título de Bravura Erótica é que começou a desconfiar de alguma coisa. É que notou que havia muita viagem aérea de teco-teco para além das áreas de filmagem, e também alguns orçamentos inchados.

O diretor, no meio das filmagens do terceiro Bravura Erótica-Inóspita, mesmo antes do lançamento do segundo episódio, aproveitou um sobrevoo na fronteira para desaparecer em direção a um destino ignorado. Coincidentemente começaram a aparecer fiscais federais, sondando porque uma pequena produtora do meio do mato tinha tanto gasto e nenhuma produção. E ele era o responsável legal sobre essa estranha empresa.

Claro, sobrou para ele, a Colonizadora não aparecia em lugar nenhum. Bens bloqueados, circulação limitada, pressões por explicações que ele honestamente nem desconfiava quais seriam.

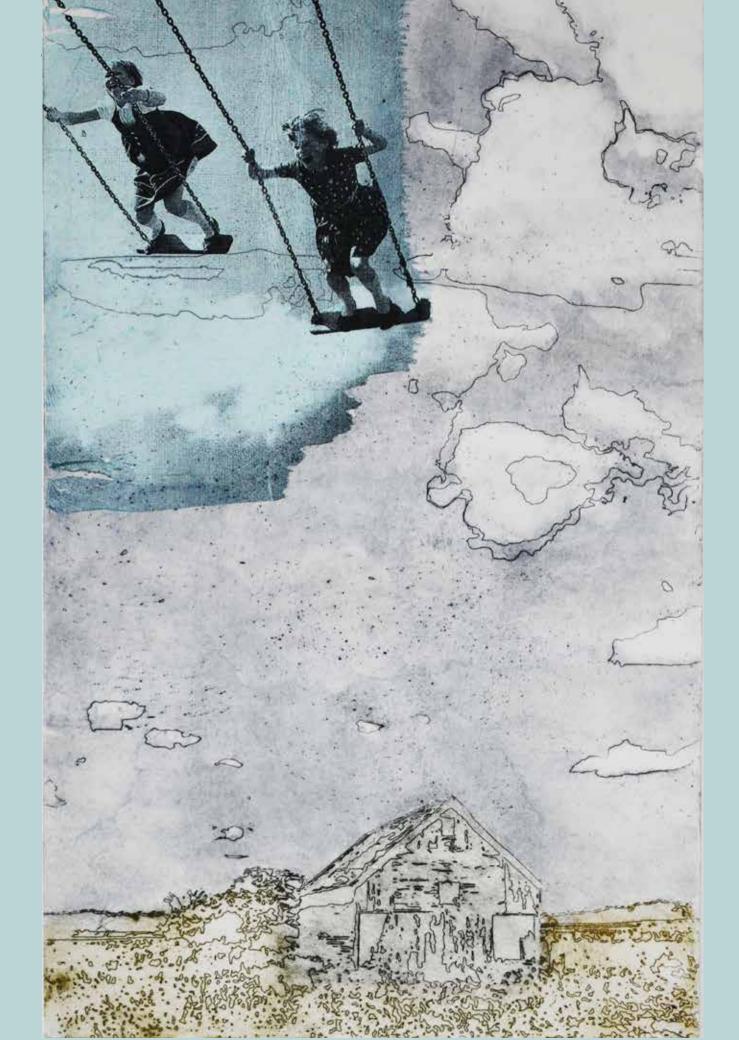
Verillo aguentou firme, segundo seus parentes (depois me confessou, em particular, que ele mesmo nem entendia o que acontecera). Acabou que um acordo foi firmado, pelos advogados dos parentes, e a investigação foi encerrada (afinal, certas viagens aéreas estavam indicando destinos a serem ignorados...). Com Verillo impossibilitado de entrar legalmente em outras aventuras empresariais.

E o ano com final 9.

Quando a poeira abaixou, restou um homem perdido, mas da família. Foi incluído discretamente na construção do Hotel Esplanada Tropical, ali perto da estação rodoviária com sobrenome da família. E assim que os resorts no meio do mato e o Hotel Imperial foram inaugurados, sobrou a gerência do Esplatropi para Verillo. Onde está até hoje. Comigo, Yarandu, seu criado, chefe de segurança do Hotel Esplanada... tá, do hotel perto da rodoviária aqui de Novo Paraíso do Norte. E só chefio eu mesmo, que é quem basta para dar um pouco de ordem neste pedaço!

Mas há uma esperança, confidenciou-me meu chefe:

Daqui a pouco vem outro ano com final 9.



### **ALMA VELHA**

Hoje eu estou com a alma velha.

Não reflete quem eu sou, mas o que sinto agora.

E a alma está velha.

Alquebrada e cansada, pesarosa como se o tempo me tivesse machucado.

Não o fez, mas sinto a alma velha.

Ranzinza e medrosa, tão diferente do que sou.

Sem objetivo, sem meta, apenas uma velha alma.

Onde os sonhos não mais alcançam.

Alma de sonhos esgotados.

Hoje eu estou com a alma velha,

Não velha de idade, mas velha no fundo da alma.

Aquela velheira de fim de tarde, do crochê das antigas avós.

Aquela velheira da cadeira de balanço,

das meias elásticas grossas apertando os pés.

Aquela velheira do sentar na cama e receber a sopa nos lábios sem cor.

Hoje eu estou com a alma velha.

E quando me olho no espelho pareço contar as rugas,

contar as cicatrizes, os cabelos brancos.

contar as frestas abertas das feridas não curadas.

contar os capítulos da vida ainda não terminados.

E, ainda que hoje eu esteja com a alma velha,

basta abrir a janela e perceber que minha alma velha

apenas em mim incide.

Pela janela vejo um jovem correndo pela calçada para manter a forma.

Uma senhora em destino desconhecido. Um casal abraçado arrulhando juras de amor.

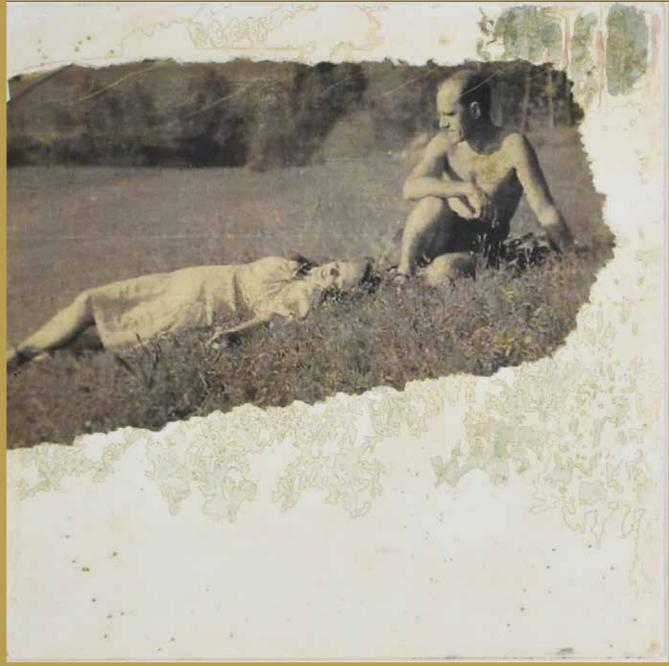
Meu pensamento se desvanece na realidade. Inerme e soturno.

Tenho apenas poucos anos, mas hoje estou com a alma velha.



### Giana Benatto Ferreira

É cronista e contadora de casos do cotidiano, começou a escrever após completar 50 anos de idade. Tem seis livros publicados – individual e coletâneas – em prosa e poesia. Nas redes sociais fala sobre maturidade, artes, meditação.





#### Giseli Gomes Dalla-Nora

38, nascida em Jaciara/MT, criada em Campo Verde/MT. Tornou-se cuiabana ao vir estudar Geografia na Universidade Federal de Mato Grosso onde hoje também é professora. Pesquisadora das questões ambientais e de comunidades tradicionais. Líder do GECA - Grupo de Pesquisa em Geografia Agrária e Conservação da Biodiversidade e uma apaixonada pelas histórias e estórias contadas.



### **Edson Gomes Evangelista Dalla-Nora**

44, nascido em Jaciara/MT, criado em Planalto da Serra/MT. Professor de Linguagem atua em Língua portuguesa e espanhola no Instituto Federal de Mato Grosso - IFMT. Um contador de história, observador de gentes e que se encanta com o mundo das palavras.

## **ELE FOI MEU NÚMERO PI**

inha irmã menor esperava na estrada vermelha, piçarra escorregadia reluzente, piripingando pelos chuviscos que já duravam mais de semana. Aqui, dentro deste capão de mata margeando a grota, senti sinestesicamente toda a vivacidade dos sentidos pulsando sob o corpo moreno, magro movendo-se sobre mim. Entre minhas pernas entreabertas, eu senti, pressenti, que ele estava prestes a adentrar minha fenda feita portal, gruta inumerável em cuja entrada fluía um rio caudaloso, manancial de águas termais. Ao contato tépido de nossas peles, salpicadas por gotículas de chuva, transpus os limites do mundo pequeno e plácido com o qual me comprazia; entrementes, concentrei-me para não entorpecer inteiramente. Na declividade do terreno vi naqueles olhos castanhos, quase negros, a fagulha que me incendiou, completamente. À época, muita coisa eu não sabia, mas meu corpo tudo intuía. Tatuado em mim trago o pulsar daquele coração púbere, cujo movimento se fazia percebível nos pelos que despontavam no torso ainda indefinido, agulhavam meus seios, ensandecida, senti que se ampliava todo meu ser, o mundo agora era eu, a começar pelas folhas marrons, cama urgida na urgência de dois adolescentes que fervilhavam, folhas molhadas mortas. Foram, eram, agora são redivivas, de mim nascidas; cálidas folhas de um bosque feito alcova, nascedouro, princípio da vida. Deus! Milagres acontecem é em momento de descuido.

Um membro turgido, estertorante desejo tátil, tateava minha cova, deslizava sobre o clitóris, pura intumescência úmida que emanava misseis multicoloridos, incandescências me incendiaram. Movíamos ritmados, dois corpos feitos um só. Os pentelhos crespos que enfeitavam minha vulva encaracolavam-se nos pelos pubianos lisos da epiderme ardente do menino.

Ah! Aquele corpo esquio, longilíneo, alargando-se em mim, memória indelével plasmada em tudo quanto fui, sou desde aquela tarde molhada em que estivemos atados um ao outro por instantes que jamais findaram. Sôfrego sussurrava, eu surfava por tórridas torrentes que transitavam em nós. Entretanto, o garoto tinha premência, quis preencher, à margem da grota, toda a minha greta, o falo falava em todo meu ser, não logrou, contudo, chegar ao fundo abissal de minha fenda. Nem precisava, o menino não sabia que para calar fundo, por vezes, se pode prescindir de penetrar profundo. O homem que me tornou mulher, aquele a quem busquei em cada um dos mais de cem com os quais me deitei, meu número Pi, nunca se embrenhou por minhas entranhas. Naquela tarde, reencontrei minha irmã na estrada, e, eu continuava virgem, tal como havia adentrado àquele bosque, não obstante, tornei-me mulher naquela tarde em que uma chuva de sensações brotou em mim. Trinta anos decorridos, muitos amores e desamores havidos, permaneço leal ao menino, homem, que me converteu em mulher sem me destituir de meu estado virginal.



### Henrique de Medeiros

Henrique Alberto de Medeiros Filho é escritor, publicitário e jornalista (presidente e titular da cadeira 10 da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras - ASL)

## **ÓVULO E ESPERMA**

Carro em direção ao motel:

- Qual é o seu nome?
- Acho que esqueci na arrancada. E o seu?
  - Acho que estou esquecendo na chegada.

Portaria. Chaves.

- Como diz uma amiga, se não for possível evitar, aproveite.
  - Ah, se todas fossem iguais a você.
- Pelo menos você não é perigoso, é?
  - Só periga o seu coração.

Corpo feminino à frente. Maravilhoso modelo de quadril sugere sodomia.

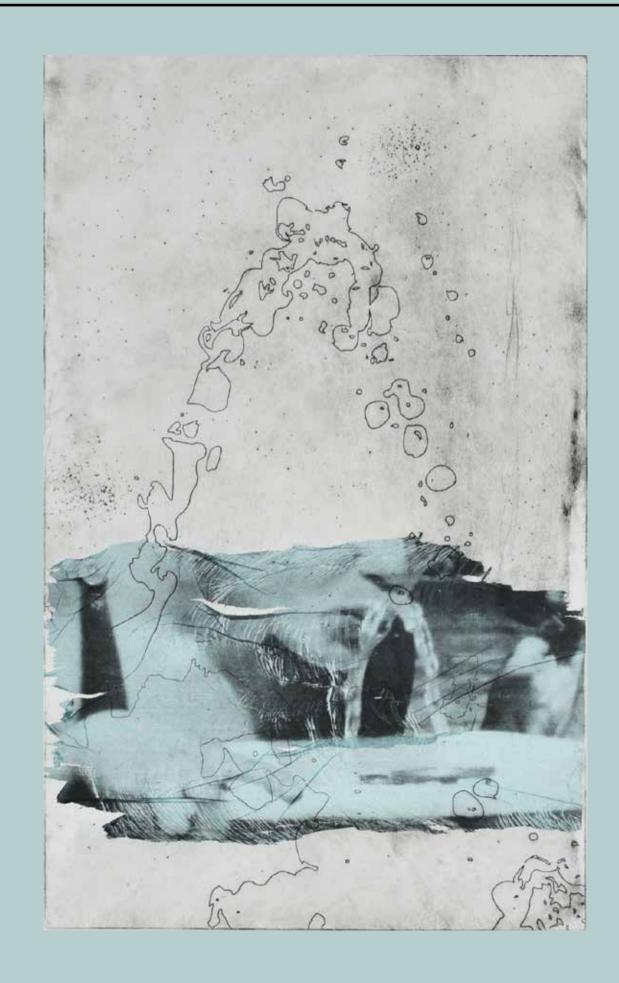
(- Será que ela tem preconceitos?)

Corpo masculino atrás. Imponente volume querendo saltar da calça.

(- Será que ele é bom de cama?)

Preparativos a quarto-paredes. Barulho de bidê. Olhos perigosos de mulher. Agarrar de cabelos, arrepio de tesão.

- Preciso urinar.
- Urina dentro de mim.





Forma magnífica de mulher entregue em pele à cama. Masculina silhueta de macho contra a meia-luz. Na nudez do tempo e do espaço, o casal de momento pronto para viver a vida esquecendo a vida.

No silêncio das ações preliminares.

Movimento das línguas.

Choque dos troncos.

Encontro dos toques.

### Geleia:

- Você gosta de mim?
  - Eu? Te amo!
- Ama nada.
- Amo sim, muito.
- Muito?
- Muito.
- Me beija?
- Beijo.
- Me chupa?
- Chupo.
- Me goza?
- Gozo. E você, me goza?
- Gozo. Agora, vem.

Falas sensuais demais.
Bocas ocupadas demais.
Peles sensíveis demais.
Suspiros loucos.
Mãos estendidas.
Corpos estendidos.
Óvulo e esperma estendidos.
Distendidos de amor.

### Pausa:

- Foi gostoso?
  - Foi, muito. Qual é o seu nome, mesmo?



# A MÁQUINA EMPERRADA

de repente o medo de que este dia jamais termine

de que seja suspenso o filme ali diante de todos em pleno cine

de que cortem de vez a energia que alimenta este dia

partido o fio que o sustenta puxem-no da tomada

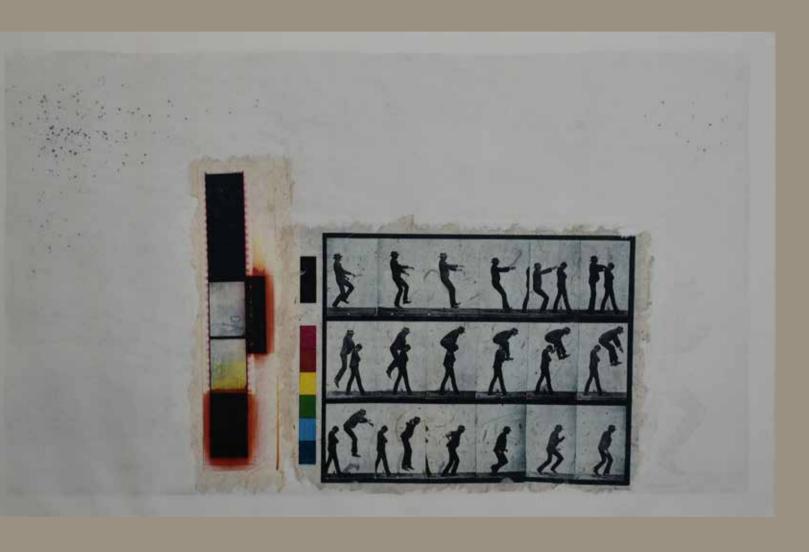
o dia este dia velha máquina emperrada

sob a minha biografia



### **Iacyr Anderson Freitas**

Publicou mais de vinte livros de poemas, contos e ensaios, tendo sido traduzido para diversas línguas. Seus livros de poesia mais recentes são: Quaradouro (2007 – semifinalista do Prêmio Portugal Telecom), Viavária (2010 – 1º lugar no Prêmio Literário Nacional do PEN Clube do Brasil), Ar de arestas (2013 – finalista do Prêmio Jabuti e semifinalista do Prêmio Portugal Telecom), Estação das clínicas (2016) e Os campos calcinados (2022).





#### Ireneu Bruno Jaeger

Ocupa a cadeira nº 1 de Academia Sinopense de Ciências e Letras. É um dos fundadores da mesma. É professor aposentado da Universidade do Estado de MT. Publicou poesias, crônicas literárias e um romance. Recebeu Moção de Aplauso da Câmara de Vereadores e da reitoria pelo histórico da UNEMAT do Estado e do Campus de Sinop. Ao todo publicou 14 obras. É catarinense de nascimento e mato-grossense de coração desde 1977.

## **BAITA CÃO**

"Última flor do Lácio Inculta e bela és a um tempo esplendor e sepultura" (Olavo Bilac)

stávamos esperando o voo seguinte que demoraria muito. Sentamos numa dessas grandes praças de alimentação para o tempo escoar com mais graça. Na verdade, não estávamos com fome e seria interessante provocar a fome mais um pouco para depois matá-la de vez.

Já tínhamos jogado a segunda partida de xadrez e seria melhor não tentar outra, porquanto ambos perdemos uma.

Foi aí que comecei a ler os letreiros dos restaurantes, bares, iguarias e anúncios. Pareceu--me estar nos Estados Unidos... da América, não do Brasil. Tudo escrito em inglês ou, às vezes em outra língua: a própria palavra shopping com aqueles dois pês inúteis. Havia mais: Motivation mix, burgers: King, Queen, grand; delivery, John Peter, brown cats, food service, Uber Eats, fast food...

Convenci-me por completo que escrevendo em inglês vende mais. Numa loja que vendia cachaças melhores: drinks e lá vai wiskys (nada de escreve uísque).

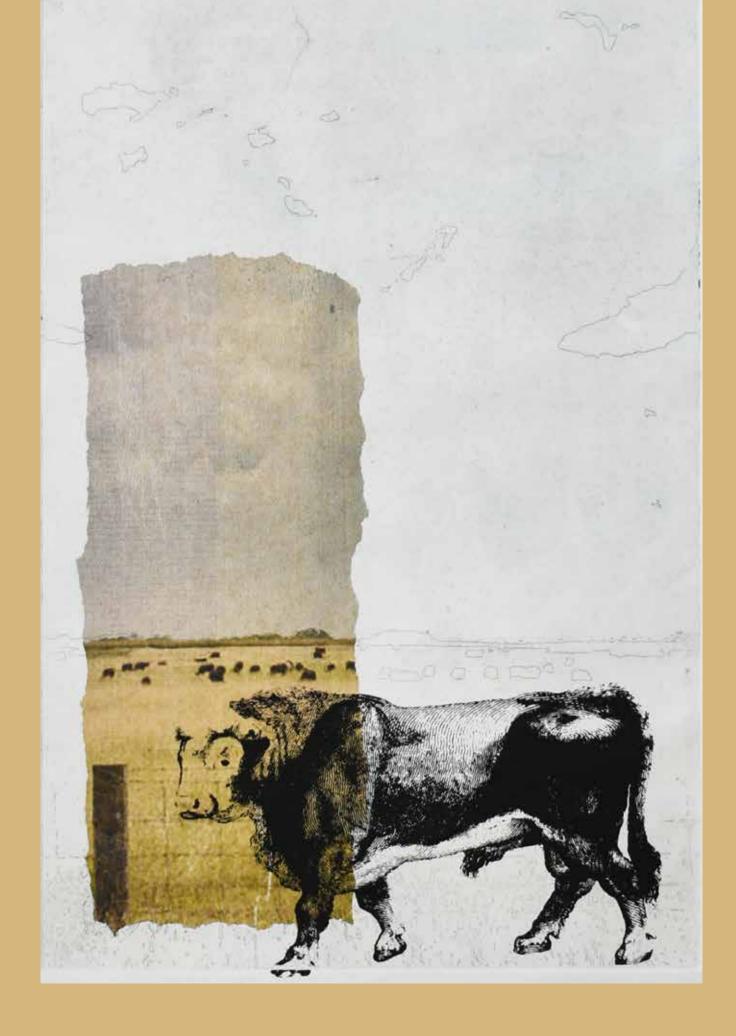
Repentinamente viajei para a Europa com Las Quecas, Kopenhagen, Fuego e carnes a la Schmidt.

Bem no final tinha um boteco com um misto português/inglês Baita Dog. Estranho usar o gauchismo "baita" mas o dog salvava a clientela.

Dizem que na ilha de Marajó um comerciante colou "Baita Cão". Claro que foi à bancarrota. Tivesse escrito "Baita Dog" talvez ficasse podre de rico. Escrever em português não vende. Imagine o vendedor de carros colocar um grande letreiro com "Sexta Negra." Os compradores fugiriam. Deve escrever "Black Friday".

Bilac, onde ficou a última Flor do Lácio? É de fato sepultura? Bem a hora estava chegando e fomos comer um baita dog.





REVISTA **Pixé** 49



### **BIOGRAPHY**

eginning his life in Bay City, Michigan, Jay Handy's journey into the world of art has been complex and winding. There were no childhood art classes or cinematic big breaks. Instead, Jay was living in foster care during his teens, his dream of attending art school remaining just that — a dream. At 18, the idea of attending any school seemed out of reach; Jay had become homeless, the final chapter in a difficult childhood. His art today reflects the synthesis of a natural nostalgia for youth and his own tumultuous past.

Through the help of his best friend's father, Jay began attending Michigan State University. Though he still felt the pull of art, he succeeded in his studies and ultimately made his way into the Harvard Business School. Yet, even while inhabiting the world of business, Jay never left his love of art behind. From lino block printing on his kitchen table in his teens to creating encaustic paintings in his basement in his 40s and attending weekend watercolor workshops in his 50's, art has always lingered in the periphery of his life.

Jay's life has been a paradox that parallels his art today; he strides two paths simultaneously, that of the businessman and that of the artist. These two seemingly contradictory roles mirror the characteristic contrast underlying all his work. While he experimented with encaustic painting, Jay finally settled upon a unique formula that has become the language through which he creates the otherworldly atmosphere his work is known for — etching and chine collé.

Jay finally answered his lifelong call to dedicatedly create art by devoting a portion of every week to his art. In this time, his passion for art and his production of art flourished. Though he traveled a winding path, Jay Handy finally arrived at his lifelong dream and is now pursuing his MFA at the Lesley University College of Art and Design. He now resides in Madison, Wisconsin.

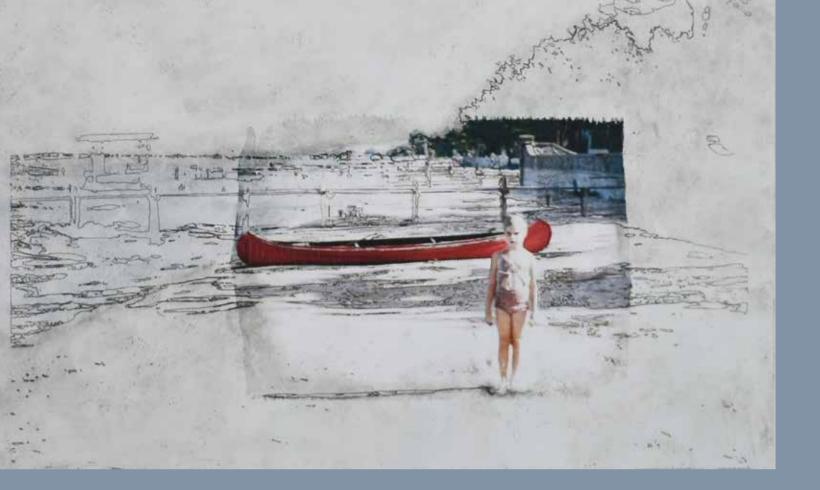
#### **ARTIST STATEMENT**

My art is an exploration of memory, both in its function and its feeling. When we think back on a memory, it's never quite the same as the initial experience that it was born of — a unique and complicated aura now surrounds it. Depending on the moment in time, it may be tinged with a hint of tenderness or a sense of forlornness.

I find myself caught on a memory, turning it over and over in my mind to uncover every unique thread of nostalgia, of joy, of tension. The memory becomes a distinct moment in time, with so clear a life and story all its own that I'm compelled to transform it from a vision to a tangible image. My use of etching and chine collé recreate the memory and transmute the unique qualities that frame it into a language that can speak to viewers and stir within them that shared experience of nostalgia and memory.

Regardless of who we are, where we're from, or what time period we've lived through, we each have our own experience of memory and the often bittersweet qualities that those memories are preserved in. My art is the translation of memory from floating fragments to captured moments.





### **BICHINHOS EMPLUMADOS**

uma tristeza imensa na cena do passarinho abocanhado pela gata piando pela fuga do destino trágico

acontecimento fortuito que eu preferia não ter visto agora enjaulado na parede dura da memória

não é fácil e nem agradável viver com essa imagem mas decidi eternizá-la no verso

será que bichinhos emplumados têm alma ou espírito? não sei e só sei que um dia mais saberei sobre partir deste mundo REVISTA **PIXÉ** 53

### **ARARAS**

grandes araras em algazarra antes das sete da matina no quintal vizinho me despertam com o sol já massacrador as araras canindés em azul e amarelo faceiras e tagarelas.

assim vieram e permanecem no tempo que perdura o mundo. não sabem de nada sobre a banalidade do traje repetitivo, invenção humana.

o casal de araras se deixa fotografar e depois bate as asas foi-se.

o verso se apequena e finda no vácuo das aves.

araras são esses poemas voadores e siderados que pousam em nossa imaginação.



Lorenzo Falcão

"Nasci inexplicavelmente para ser poeta", reconhece Lorenzo Falcão na breve biografia que acompanha "mundo cerrado" (assim mesmo sem maiúsculas por opção do autor). "O cerrado é meu lar e a poesia, o meu mundão sem porteira", conclui o jornalista, que nasceu em Niterói (RJ), mas cresceu em Mato Grosso, "entre barrancos, pedras e sombras", e trabalha há muitos anos como jornalista na área de cultura.

# **LOUÇAS**

Após os convivas se deitarem ou irem embora, dedico-me a lavar a louça.

Atividade tão ao mais necessária para o bom andamento dos encontros.

Entre pratos, copos e talheres, sou levado a país distante: penso em minha mãe e em todas as louças que já lavou antes e após a preparação do alimento.

Há toda uma rotina encoberta pela casa e que, muitas vezes, como filhos e maridos não damos por isso.

Enquanto retiro restos de comida e suco, percebo o quão solitárias e desconhecidas são as tarefas escondidas por detrás da palavra amor.

Lacro o saco do lixo, limpo o granito, o aço inox da pia e reconheço que demorei, mas aprendi o valor das grandes coisas.





### Luciano Lanzillotti

É doutor em Literatura Brasileira pela UFRJ, autor de Geometria do Acaso, Editora Dialética, 2021.

I

resta o sal restam as praças quando se ergueram tapadas de sal em villa epecuén restam as bocas, de regresso a manhã vasta as mãos

resta o desenho do arvoredo, a galharia que se alça, depenada resta salino o par de asas onde pesa inteira a miragem numa garça resta o amor corroído, ao longe a rouquidão das banhistas

### II

no corpo amado cada sombra que se beija torna-se ela mesma um sol sem vísceras

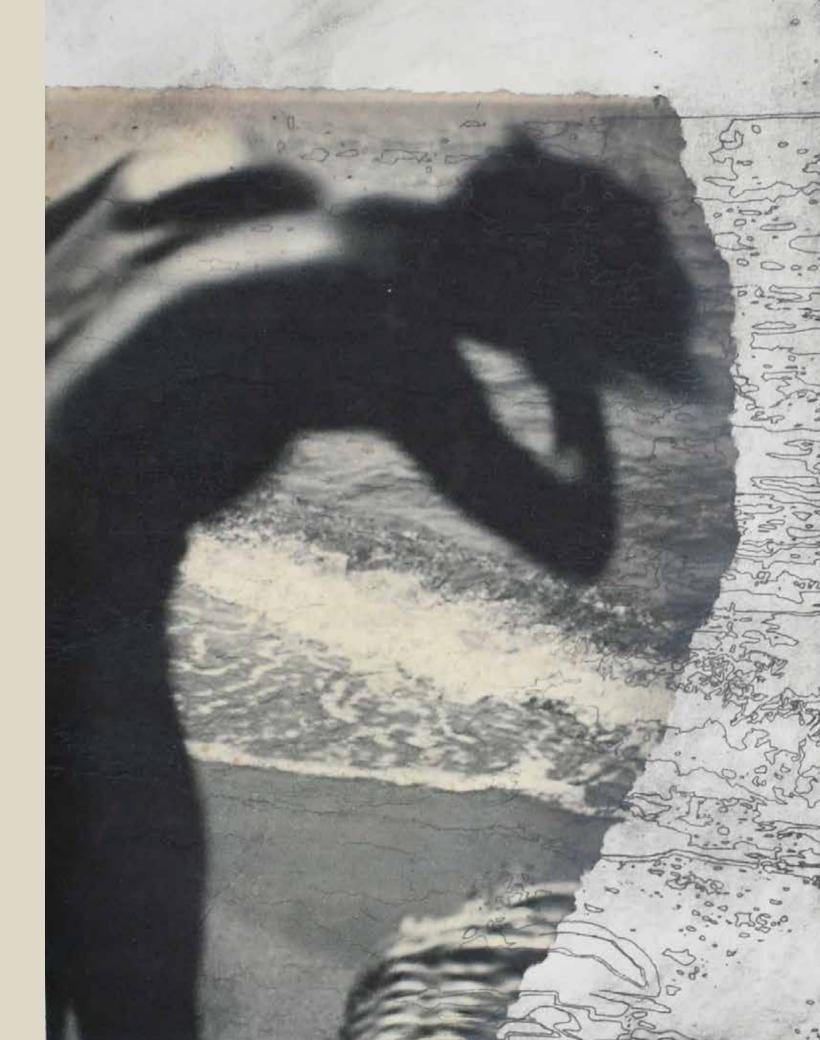
### III

não queiras tu decifrar a mulher à divisa não queiras compreender aquela que recém amou aprende a olhá-la, apenas enquanto a noite ainda se alonga na manhã enquanto cada palavra dita ainda guarda toda a língua



### Mar Becker (Marceli Andresa Becker)

Nasceu em Passo Fundo/RS. Tem formação em Filosofia e Especialização em Metafísica e Epistemologia. Em poesia, publicou duas plaquetes, uma pelo Centro Cultural São Paulo, Coleção Poesia Viva (2013), e outra pela Editora Quelônio, Coleção Vozes Versos (2017). A mulher submersa (Urutau, 2020, edições no Brasil e em Portugal) é seu livro de estreia.





#### Nirlei Maria de Oliveira

É poeta e bibliotecária com mestrado em Ciência da Informação, nasceu em Formiga MG, e reside em Campinas, SP. Trabalha no IFSP, Campus de Hortolândia. Atua com ações e projetos de estímulo à leitura. Autora do livro de poemas Palavr(Ar) (2021). Organizadora das coletâneas: Quarentena Poética (2020) e Cotidiano, Poesia, Resistência(2021). Tem poemas publicados nas revistas: Travessias Literárias, Cult - Lugar de Fala, Literatura e Fechadura, A Palavra No Agora do Museu da Língua Portuguesa, Literatura Brasileira no XXI, Partilhas Poéticas do Museu Ema Klabin, Acrobata, Tamarina Literária, Aboio, Ser MulherArte, Ruído Manifesto, Sucuru, Errancia (Universidade Nacional Autônoma do México), Desvario, Entreverbo, Revista Toma Aí Um Poema!, Kuruma'tá - Revista De Culturas e Afetos, Caderno Literário Pragmatha e Revista Literária Pixé.

## **UMBRAIS DAS MANHÃS**

5:3

desassossego com este sol que se esparrama nos umbrais das manhãs que entra pelos meus olhos que olham e não cansam de olhar este céu de promessas

espero a poesia, como meu pai espera a chuva para plantar feijão sempre uma ode ao carpir, plantar, regar, colher - comer e partilhar — sustento dos dias — REVISTA **PIXÉ** 59

### 6:30

café com cardamomo sobre a mesa e a manhã segue imprecisa
– eu ainda nem acordei de maneira decente –
e pelas narinas já chegam os aromas dos doces de Cora

#### 7:30

faço reparos nas engrenagens dos poemas podo as arestas das plantas e dos versos incompletos e prolixos releio Drummond e jogo a pedra no lago

pequena ondas, apenas isso, pequenas ondas — eu decido as tempestades —

#### 8:45

a manhã se arrasta como lesma lerda e aquele poema ainda está vivo em minha memória e epiderme solenemente — à espera do despertar —

#### 9:30

as engrenagens giram, em velocidade lenta, as rodas para começar o dia giram sobre a roupa suja que ainda não lavei e sobre os livros espalhados que ainda não li, mas lerei — talvez — no fim do dia

#### 10:30

sobre a mesa de madeira gasta, as frutas de outubro – voracidades – a gula é o ano inteiro Clarice, Wislawa, Dickinson, Mallarmé e Bashô

#### 11:45

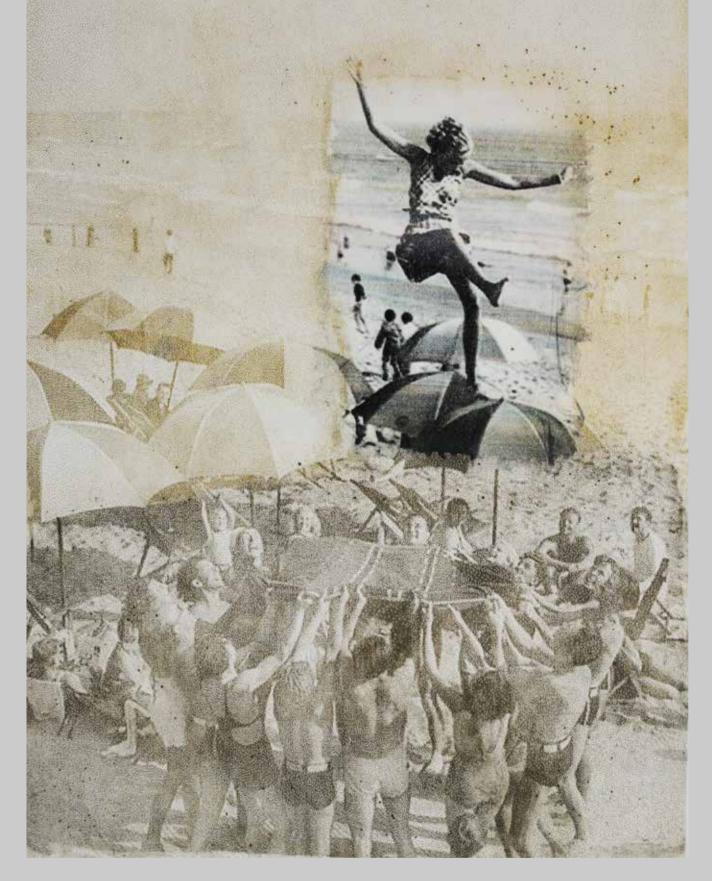
andorinhas sobre os fios — equilíbrio instável — quase poemas —
— ora asas, ora pequenos voos, ora não —
ora elas, ora eu
às vezes, ora ninguém

#### 11:59

finda a manhã!

creio nas vertigens das manhãs, na terra, nos brotos, nos trovões, nos silêncios e nos compassos dos versos que embalam os meus dias

– não há poemas que bastem para o existir –





Odair de Morais

(Ôda), cuiabano, autor de Contos Comprimidos (Multifoco, 2016) e do volume de haicais Instante Pictórico (Carlini & Caniato, 2017).

REVISTA PIXÉ 61

Lembro daquela vez que eu te dei carona.

Foi a última vez que nos vimos.

Você voltava da faculdade, entrou no meu carro rindo

e, ao ver a Bíblia aberta no porta-luvas,

atirou as Sagradas Escrituras pela janela

tirando onda da minha cara de símio

semialfabetizado.

Pra que você queria isso, cara?,

você falou, me vendo parar o carro no acostamento.

Mesmo sendo um ateu convicto,

considerei que sua atitude era um puta de um desrespeito.

Mais do que uma afronta:

uma heresia.

Aquela Bíblia velha em couro,

fechada por um zíper,

eu recebi das mãos de meu pai,

meses antes do coroa ser nocauteado por um câncer no cérebro

que o fazia gemer

e sair ganindo de dor

como um cão apedrejado

pelas ruas do bairro.

Tinha muita estima por aquela Bíblia -

embora pra mim ela não possuísse mais verdade

do que qualquer livro do padre Fábio de Melo

ou do ex deputado

e ex Big Brother

Jean Wyllys.

Ainda me lembro que avistei a Bíblia boiando sobre as águas pútridas do Rio Cuiabá,

antes de submergir

rodopiando

como bosta

num sanitário sujo de um bar

no Beco da Lama.

Em cima da Sérgio Motta

o pôr do sol era qualquer coisa desconcertante

que fazia ranger

as enferrujadas estruturas da ponte

e, de longe,

parecia querer sangrar o horizonte.

### DAS UTILIDADES DA PEDRA

A Nilton Cesar Filho

pedra é perda
anagrama construcional
decomposição rigorosa
perda pedra
na folha na faca
pedra é primitiva
ponta de flecha
palavra dita
pedra é porta
lugar de ir
de onde sempre se vai embora
testemunha ocular
de breves encontros e longos desencontros

pedra é rocha
2 moléculas de ferro 3 de oxigênio
minério de ferro
coração de ferro
para não sangrar e não se partir
orgulhoso duro e intratável
doce herança itabirana

pedra é roda rodamundo raimundo mundo grande coisa circular que distancia os corpos ideia exata da distância o caminho natural das coisas pedra é pedra substância psicoativa de ação estimulante do sistema nervoso central cocacola bicabornato de sódio amônia alucinações perda é pedra dentes grandes em boca pequena pedra é a mão do poeta que trabalha sob o sol pedra é a faca, a lâmina, o siso pena em riste na margem pedra é a faca que circunda o osso, corta o nervo e separa a carne
pedra é a faca que desossa, retira as vísceras e
as vertebras
pedra de amolar onde se precisa o corte o risco
o rasgo
onde toca e se separa

pedra é o galho que bate na janela e revela a mágoa desfolha a ausência e perpetua o luto pedra é vento frio que bate na porta do quarto vazio porta retrato porta lembrança pedra é memória que revela a história pedra é luta, saudade, vazio natural entre os corpos pedra é túmulo jazigo sepulcro dia de finados, flores artificiais sol quente, limão e bronze minha mãe distante

pedra é voz que se ouve ao longe entre os espaços vazios é cantiga de ninar, é ditado popular, é verbete de dicionário é palavra fiada e afiada que corta e fere feito pedra pedra é a voz oriunda da mudez das coisas inaudíveis silêncio. pedra é flor no deserto pedra é pedra em sua natureza mutável pedra é flor fruto semente cimento cascalho em estrada de chão pedra é pedra pedra é perda até não ser até ser

palavra dura de semear.





### Pablo Rezende

É filho de dona Ilda, poeta e professor de Língua Portuguesa, Literatura e Redação da Rede Pública do Estado do Mato Grosso. É graduado em Letras – Português/ Inglês pela Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM) e Mestrando em Estudos Literários pela Universidade do Estado do Mato Grosso (UNEMAT). É autor do livro O dever e o haver, publicado pela Literata, em 2011. Têm poemas publicados em várias antologias poéticas nacionais e internacionais.



### **FLOR ESSENCIAL**

homens caminham para o crepúsculo
o rio deságua no oceano de silêncio
trajetória de gestos, ritos
sem nenhuma canção ou grito
apenas fragmentos esparsos de sentido
conteúdo roubado, casca adquirida
tantos vãos pretextos para enganar a vida

nas ruas
a velocidade da cidade
vai construindo a arquitetura do absurdo
onde os homens transitam surdos
e um garoto magro e sujo
estende a mão vendendo a sorte.
sirenes, sinapses, turbilhão de luminosos
um homem se perdeu na faixa de segurança
e uma flor nasceu no meio do caminho

surgida de uma semente imprecisa
sobreviveu as intempéries
e despertou sedenta
no seio da impossibilidade.
não era uma flor de cera e anilina
desmanchando-se no apogeu do primeiro sol
mas efêmera, como os passos dos homens sobre a terra
sentiu a náusea dos dias
o vento da madrugada
mas passou despercebida no meio da calçada

apesar de possuir em sua substância o remédio para o desespero e o tédio da cidade que até hoje caminha sem saber do imenso amor que a flor guardava sozinha no silêncio de sua simplicidade



### Paulo Wagner

É Escritor, Professor, Mestre em Estudos de Linguagens e Literatura pela UFMT e doutorando em Estudos Literários pela Unemat

## **LEDA**

Leda no lago, Banha a pele de seda Sob a queda d'água.

Pela superfície lisa, Desliza o cisne, Ave branca, Uraniana, Masculina.

A cabeça e o bico Movem-se com arrogância, Avança veloz, Transbordando audácia.

Há nele Uma luz solar, Uma força de poeta, De bardo nórdico Que canta juras Para sua amante.

O cisne é o desejo Feito asa e pluma.

Leda se oferece: Pássaro e concha Se fundem No meio da espuma.

Leda, Mulher e cisne, Põe ovos no mundo.





### **Raquel Naveira**

É escritora, professora universitária, crítica literária, Mestre em Comunicação e Letras pela Universidade Presbiteriana Mackenzie, de São Paulo, autora de vários livros de poemas, ensaios, romance e infanto-juvenis. Pertence à Academia Sul-Mato-Grossense de Letras (onde exerce atualmente o cargo de vice-presidente) e ao PEN Clube do Brasil.

### **VERTENTES**

num ventre
vertendo vértebras
aveludadas de surpresas
há um corpo-caminho
de entes em movimentos
e de liberdades reinventadas...

silêncios vertem olhares e passos que mesmo tecendo linhas transversas aninham-se ao mesmo sol ao mesmo sal... ao cio das palavras...

no êxtase desta luz que une destinos renovam-se a fonte e a sede [e assim

intuições inadiáveis desentranham-se eriçando as nuanças pulsantes da linguagem]

nas retinas dos versos há seiva e suor sempre assim: arde um eco carmim em vivas ausências e senhas de partidas [idas e chegadas ávidas de voos em rumo da sala de estar da alma].

# **PRESENÇA**

é do íntimo transcendendo o mundo e o ser que vem a clareira – lar, lareira e portais...

por tais caminhos [regando sementes do tempo passeia o dom] pressente-se a presença...

há a vigência essencial translúcida fonte natural revelando o que fica: a rubrica da verdade original

o que é preciso ser: aí é!



### Rubenio Marcelo

É membro efetivo ocupante da Cadeira 35 da Academia Sul-Mato Grossense de Letras, da qual foi secretário-geral e atualmente é diretor cultural. É membro correspondente da Academia Mato-Grossense de Letras. Poeta, escritor e compositor, possui treze livros publicados (3 em coautorias) e três CDs – uma de suas obras mais recentes: o livro Vias do Infinito Ser (poemas) está indicado para o Vestibular 2021 da UFMS.





há a primeira parte da vida
em que somos pequenos e nos
parece eterno, garantido,
todo o amor dos nossos maiores:
há depois a segunda parte, sem
os nossos maiores, em que os nossos
descendentes julgam eterno o amor
que lhes dedicamos e nós sabemos
que não é assim, apesar de nós,
do nosso amor eterno:
(ao moinho do mundo)

um esquecimento que teima apesar do adiantado da vida: procuro nos bolsos algo que se escapa e sinto que é inútil lutar para mudar quem sou, especialmente estas ténues sombras: a breve irritação, o súbito desejo de estar sozinho, uma desilusão para lá das palavras sobre o que os humanos fazem uns aos outros: entardece, vou à esplanada bebericar um café, tentar compreender o diálogo dos pássaros:

(a Sá de Miranda: «o sol é grande, caem co'a a calma as aves») todos se foram perder a sítios
diferentes da vida e nenhum deles
teve razão ou todos eles tiveram
razão – o que vem a dar exatamente
ao mesmo vazio: nas cabeças
a memória difusa da infância
como única verdade, lá está: isso
é tudo e é nada, mas se é nada
é o único gesto humano que se pode
perante a imensidade
perante, sobretudo, a indiferença do mundo:
se te apetece chorar não o faças:
agradece no teu íntimo,
e no fim de contas, a sorte que tens:
(a ti, que estás a meio da vida)

como a tristeza é corredora de fundo!: dá sinal de presença e esconde-se: apenas quando o salão se esvazia e a valsa deixa de tocar é que desfere a sua primeira estocada: aquela que deixa a amarga clarividência de quem é presa, de quem é predador: (e a que horas vai ser o festim):



### Rui Tinoco

É psicólogo e escritor, escritor e psicólogo e, frequentemente, nem uma coisa nem outra. Nasceu em Vila Real, em 1971, embora se considere também bracarense, pois viveu em Braga a infância e adolescência. Habita hoje no Porto, onde, frequentemente, deriva.





#### Zé Mariano

É poeta, pesquisador e professor. Formado em Letras pela Universidade de São Paulo, é mestrando em Estudos Comparados de Literatura de Língua Portuguesa pela mesma faculdade, lidando com temas como literatura afro-brasileira, estudos culturais, relações raciais e estudos de gênero. Foi editor da revista Crioula, publicação virtual de pós-graduandos do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da USP. Atua também como educador em torno de temas como literatura, educação e relações étnico-raciais. Teve poemas publicados em portais e revistas eletrônicas.

# LIVRO I SOBRE O NASCIMENTO, **AMADURECIMENTO E MORTE**

No princípio do tempo, era tudo lua, grito e mordaça.

Depois vieram os homens e com eles a canção que sinaliza os mortos enterrados no morro do agouro.

Depois surgiram as carroças de ferro

E a marmitas de aço inox a perpetuarem o giro insistente da roldana.

Depois, só depois, vieram as preces e a crença.

principalmente a crença.

Pois aprendemos a crer apenas depois de enterrarmos nossos animais e objetos sagrados no fundo do mar.

Só depois de soletrarmos inequivocamente a palavra derrota.

No capítulo final do livro virá o desejado arrebatamento e neste meio do caminho não revelarei o segredo do meu povo.

Nem que degolem em minha frente o último sobrevivente do meu nome. 74 REVISTA PIXÉ REVISTA PIXÉ REVISTA PIXÉ





### Zé Mariano

É poeta, pesquisador e professor. Formado em Letras pela Universidade de São Paulo, é mestrando em Estudos Comparados de Literatura de Língua Portuguesa pela mesma faculdade, lidando com temas como literatura afro-brasileira, estudos culturais, relações raciais e estudos de gênero. Foi editor da revista Crioula, publicação virtual de pós-graduandos do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da USP. Atua também como educador em torno de temas como literatura, educação e relações étnico-raciais. Teve poemas publicados em portais e revistas eletrônicas.

# LIVRO II SOBRE A IMPOSSIBILIDADE DE NASCIMENTO, AMADURECIMENTO E MORTE (ENTRE-LUGARES)

Sentou-se rente à bifurcação quando soube que era chegada a hora de vê-lo para além [do que imaginou.

(O encontro dos portos permite rever a primeira mulher amada e solicitar o leite do amamentar do filho nascido, primeiro sacristão da palavra sagrada.)

Pegou um ônibus em direção a sua casa e sentou-se na poltrona única, aquela bem pequena que fica escondida das maiores,

E pensou que, deixado de lado o remorso por ferir a carne, teria deixado também o desgosto de ser contemplado diariamente por aqueles que odiava.

Viu da janela as vírgulas dos tranca rua, ou os pretos enfileirados sem remorsos clamando - Salvai-nos do grito dos que têm sede e passam frio.

Pois são eles que dão sentido ao exposto. Em outras palavras, à Fome, onipresente e onisciente.

Ao chamar o motorista:

"meu senhor, vou descer."

sentiu também o caixão mais perto e o sopro

malfalado em sua orelha, trazendo a quentura
da emancipação porvir.

Chorou no ônibus, prostado na bifurcação,
pois sabia que em sua carta de óbito estaria escrito:
parentes tirados do berço,
parentes sem mãe, nem pai,
parentes assassinados, tiros no peito, na cabeça, no pescoço, no tórax.

Persignou-se e rogou à cruz entalhada na terra escura de seus irmãos que o tirassem do manto eterno da incompreensão.







# MATÉRIA PLÁSTICA



#### **Renato Medeiros**

É Doutor em Artes Visuais pela Universidade de Brasília (UnB), jornalista cultural e idealizador do perfil @pigmum.arte, sobre artes visuais, exposições e museus. Em 2021, foi premiado em 1º lugar no Salão Jovem Arte MT, na categoria Pintura.

REVISTA **PIXÉ** 

# VULTOS DA MEMÓRIA: JAY HANDY E SUAS GRAVURAS COMPOSTAS AOS PEDAÇOS

emória e identidade. Duas palavras inerentes à arena das subjetividades humanas. Para o antropólogo francês Joël Candau, elas estão diretamente associadas, uma fortalecendo a outra. Nutrindo-se mutuamente e produzindo, assim, nossas histórias de vida. Porém, ao mesmo tempo em que a memória modela nossa identidade, ela é também por nós modelada. Ou seja, a memória tem natureza elástica e é a partir dessa elasticidade que o trabalho do gravurista norte-americano Jay Handy se realiza.

A partir da técnica do chine collé, o artista produz gravuras compostas aos pedaços, evocando imagens cheias de texturas visuais, como vultos que se sobrepõem, vindos de múltiplos lugares de uma memória difusa. O chine collé é um processo de impressão que envolve a colagem ou a inserção de uma superfície mais delicada – geralmente um papel de baixa gramatura, como o papel japonês – sobre outra de maior resistência, que servirá de suporte à obra final. Isso permite extrair mais detalhes da matriz e pode proporcionar ao trabalho camadas de cor e texturas ao fundo. A técnica recebeu esse nome na Europa, porque o papel utilizado era geralmente importado da China.

Em grande medida, o sucesso da gravura como linguagem visual ao longo dos séculos está em sua capacidade de reproduzir imagens. Reprodução que se dá a partir de uma matriz, usualmente feita em uma placa de madeira, de metal ou de pedra. É a matriz que guarda a memória da imagem, concentrando em si o poder de fixá-la. Uma imagem gravada é uma imagem impregnada de memória. Uma ideia que remete ao desejo de fazer durar certo tempo vivido, de conservar os traços de um passado que ameaça se perder. Como se, ao perder esse lastro, nossas referências identitárias também se dissipassem.

Mas assim como os papéis do chine collé, as memórias são camadas finas, porosas, quase transparentes, apresentando-se às nossas mentes com alternâncias ou simultaneidades próprias. Joël Candau considera a memória uma contínua atualização do passado, feita de recortes e escolhas, sob condições específicas e nunca recuperada em sua integridade. Nossas memórias são flexíveis e são reimaginadas corriqueiramente. As gravuras de Jay Handy parecem materializar essa dinâmica.

Ao tentar fixar uma memória em uma matriz, o artista a recria em camadas fragmentadas, turvas e sobrepostas, para despertar em seu público a experiência compartilhada da memória, uma experiência sempre flutuante. Isso porque, apesar de compreender uma dimensão individual, a memória daquilo que fomos e daquilo que somos também é compartilhada socialmente. Ela fortalece a identidade tanto no nível individual quanto no coletivo: é por isso que restituir a memória desaparecida de uma pessoa significa restituir sua identidade. Ao que tudo indica, as gravuras de Jay Handy nos encorajam a estabelecer essa relação.

## DO CONTEMPORÂNEO





### **Maristela Carneiro**

Maristela Carneiro é Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Cultura Contemporânea – PPGECCO/UFMT. Docente da Faculdade de Comunicação e Artes – FCA/UFMT, é Mestre em Ciências Sociais e Doutora em História. Co-Líder do Grupo de Pesquisa ContemporArte. Dentre seus interesses, destaque para Estudos de Gênero, Feminismos, Artes e Cultura Visual, Pensamento Decolonial e Epistemologias do Sul.

REVISTA **PIXÉ** 79

### **BRILHO DAS RACHADURAS**

olagem, palavra que imediatamente evoca atividades recorrentes da infância e das salas de aula, dos tubos de cola e recortes de papel espalhados pelo chão. Evoca também a ideia de trabalho primário, derivativo, incapaz de vida própria, de originalidade, costurado a partir de pedaços extraídos das obras de outros. O termo, em seus sentidos mais pejorativos, expõe muitas das ansiedades de nossa cultura: ser adulto, ser único, autossuficiente, inteiro, refinado.

Certamente nossos ancestrais não eram estranhos à prática do remendo: conhecemos pergaminhos medievais aos quais foram anexadas notas explicativas e comentários críticos, mapas que foram ampliados à medida que novos territórios foram sendo catalogados, esculturas greco-romanas arruinadas que, ao tornarem-se parte das coleções de papas romanos, receberam braços e pernas substitutos. Palácios, catedrais e tantos outros monumentos arquitetônicos tidos como prontos e acabados em períodos bem determinados, continuaram contando com extensas adições séculos adentro. A célebre Catedral de Notre-Dame, por exemplo, é uma grande colagem, construída entre os séculos XII e XIII, tendo recebido, porém, novos componentes até o século XVIII. Ademais, o fogo irrompido mais recentemente uma vez mais demanda ainda a colagem e recomposição de suas estruturas.

Entretanto, a colagem é uma linguagem artística que, tal como a conhecemos, não poderia ter surgido antes do século XX e sua disponibilidade de materiais, quando artistas modernistas começaram a fazer os primeiros experimentos com obras mistas, como o cubista Georges Braque, que sobrepunha fragmentos de jornais e papéis estampados à pintura. Para os cubistas, que haviam abandonado a antiga pretensão de imitar a realidade, preferindo salientar apenas o que coubesse nos limites de uma tela; essas colagens eram uma forma de diversificar a visualidade confinada no quadro, estimulando a imaginação do observador.

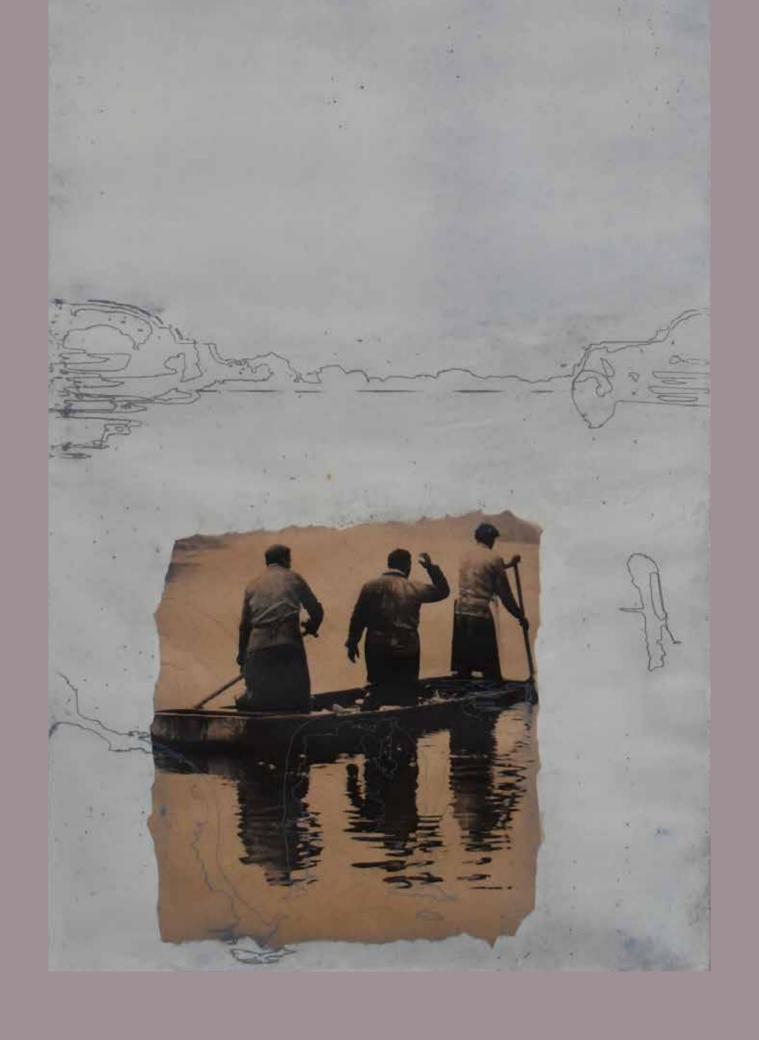
Os dadaístas, por outro lado, viram na colagem um veículo para expressar seu cinismo. O movimento Dadá era impulsionado pelo desejo de criar uma antiarte para um mundo que – julgavam eles – não era digno de arte. Afinal de contas, a Europa na qual eles viviam, a mesma que havia produzido uma tradição artística baseada na busca por uma beleza idealizada e narrativas plenas de sentido, também havia produzido o horrendo massacre da Primeira Guerra Mundial. As mesmas elites que consumiam arte, admirando belos retângulos em paredes, orquestraram um paroxismo de feiura e falta de sentido. Para eles, então, a única forma de responder ao inferno de um novo mundo, caracterizado pela industrialização generalizada, pela aleatoriedade e pela destruição em massa, seria com objetos estéticos que zombavam das próprias noções clássicas de arte e beleza.

As colagens de Hannah Höch e Francis Picabia, eram retratos distorcidos de um mundo feito de partes rasgadas e novamente reunidas à força, a síntese estética da promessa despedaçada de um mundo civilizado e ordeiro, governado pelo progresso e pela razão. É possível, quem sabe, dizer que o experimento dadaísta fracassou em criar uma antiarte isenta de sentido, visto que sua variedade especial de desordem dialogava intensamente com o contexto histórico em que se inseria.

A subsequente vanguarda surrealista, a última das vanguardas europeias a encapsular o forte desejo de reformulações estéticas (marca das primeiras décadas do século XX), trouxe consigo artistas egressos do dadaísmo e muitas das ideias do movimento anterior, porém dando uma direção muito específica ao seu senso de absurdo: a aparente aleatoriedade das figuras dadaístas era uma forma deliberada de explorar os meandros da mente. Nos primeiros anos seguintes ao desenvolvimento da psicanálise, os surrealistas foram pioneiros na produção de uma arte que era, antes de tudo, um salto do artista nos aspectos mais íntimos de seu próprio ser.

Talvez, justamente por suas peculiaridades, as ideias dadaístas e surrealistas ecoam fortemente em nossos dias. Nossas personalidades fortemente fragmentadas entre os "eus" que forçosamente produzimos para o trabalho, para as redes sociais e nossos diferentes núcleos sociais, coexistem com nossa necessidade de apresentar uma fachada pacificada e sadia, que inevitavelmente mostra as rachaduras e o brilho da cola.

Toda arte é, à sua forma, uma colagem. Toda obra é construída a partir de uma cadeia de referências e influências, admitidas ou não. E não é só a arte: a ciência encontra sua força na adesão às ideias de outrora, ao recorte de posicionamentos que não mais se aplicam e à colagem de extensões que melhor se enquadram às necessidades contemporâneas. O mesmo pode ser dito de todas as narrativas humanas, inclusive as mais humanas de todas as narrativas: nossas próprias vidas. Herdeiras de pedaços opacos de papéis mais ou menos perenes, de colas e arremedos, de glitter e fios coloridos de costura, de fragmentos brilhantes de sonhos e de imaginação: somos colagens. Somos o resultado de recortes abandonados ao tempo, colados em uma ventania de presunções, que tentam à revelia ocultar suas quase infinitas rachaduras.



# HALUHALUNEKISU, A ÁRVORE DO SABER



# O JACARÉ QUE PERDEU A LÍNGUA

o tempo de antigamente, antes de existir gentes, só animais, havia um jacaré com língua. Gostava de sair da água bem cedinho e ir para a praia. Na areia branquinha começava a gritar e a falar palavrão, acordando todos os animais, que não tinham língua como ele. Certo dia, o tamanduá reuniu os animais que decidiram acabar com aquela vozearia do jacaré. E bem antes de o jacaré sair da água, os animais já estavam escondidos, à sua espera. Quando o enorme réptil saiu da água, todos o agarraram, arrancaram sua língua e a dividiram em pedaços, um para cada animal. Foi assim que todos começaram a falar.

O jacaré, que ficou mudo, passou a comer até pedra porque perdeu o paladar.



### Anna Maria Ribeiro Costa

É doutora em História pela UFPE e Professora do Univag. Chegou às terras do povo indígena Nambiquara na Primavera de 1982. Dos índios recebeu o nome Alusu, por conta de seus hábitos alimentares. Nessas terras, conheceu José Eduardo, com quem tem dois filhos: Theo e Loyuá. Vem se dedicando aos estudos sobre os povos indígenas de Mato Grosso, com especial atenção ao Nambiquara.



PI E